

Correio das **A**rtes

ANO

LXXIV

Nº

04

ISSN 1984-7335



Junho

R\$ 12,00

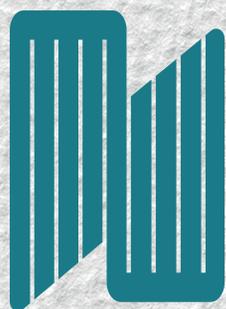
Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



O mestre da crônica

Reportagem, ensaio e entrevista exclusiva revelam como o jornalista e escritor
Gonzaga Rodrigues chegou aos 90 anos com um afiado raciocínio crítico e
convicção inabalável no senso de justiça social

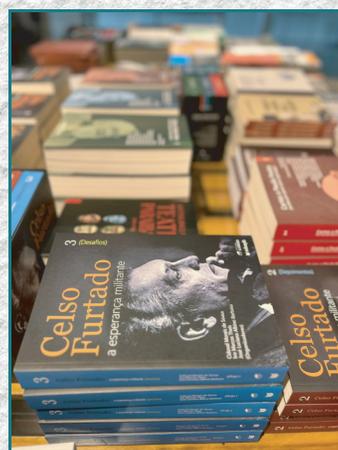
suplemento literário
do Jornal A União
2023



Livraria AUNIÃO

Bem-vindo(a) à
casa da literatura paraibana

marketing EPC



Acesse online



📍 Espaço Cultural José Lins do Rego
João Pessoa - PB



@livrariaauniao



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

@epcpb

Gonzaga, 90 anos

Gonzaga Rodrigues é uma unanimidade. Adorado por muitos, respeitado por tantos outros, é frequentemente chamado de mestre, porque efetivamente o é. Dono de uma capacidade intelectual robusta, tem um repertório incrivelmente vasto, um raciocínio crítico fora do comum e uma convicção inabalável no senso de justiça social.

Poucos têm a sorte de chegar aos 90 anos tão lúcidos como seu Luiz Gonzaga Rodrigues, nonagenário de andar firme e raciocínio rápido. A reportagem ouviu pessoas que têm essa convivência com Gonzaga, algumas com quase cinco décadas de histórias para contar ao lado do querido “neguim”.

Gonzaga é capaz de surpreender em cada papo, em cada entrevista, seja com colocações precisas sobre vida e sociedade, seja com revelações importantes, como quando ele diz que gostaria de ter escrito um romance, como afirma à repór-

ter Alexandra Tavares na entrevista que acompanha esta edição. É com esta bela matéria – que tem texto de Alexandra e fotos recentes de Marcos Russo, e ainda um ensaio que une dois velhos amigos do mestre, o confrade José Nunes e o fotógrafo Antônio David – que o **Correio das Artes** estreia novo projeto gráfico, renovando o fôlego visual da publicação, tão necessária ao pensamento crítico, à memória e a história da arte e da cultura

ter Alexandra Tavares na entrevista que acompanha esta edição.

Voltar à Gonzaga Rodrigues, sua intimidade, suas lembranças e sua obra, impressa em livros e páginas de jornais, através de crônicas que registram, sobretudo, a vida em João Pessoa durante mais de meio século, é mais que uma satisfação profissional, é uma obrigação da comunicação social, do jornalismo que ele abraçou com tanto afincamento e talento.

É com esta bela matéria – que tem texto de Alexandra e fotos recentes de Marcos Russo, e ainda um ensaio que une dois velhos amigos do mestre, o confrade José Nunes e o fotógrafo Antônio David – que o **Correio das Artes** estreia novo projeto gráfico, renovando o fôlego visual da publicação, tão necessária ao pensamento crítico, à memória e a história da arte e da cultura.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

André Cananéia
Editor do Correio das Artes

Wesley Dutra
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

Índice

20 / artigo

Pesquisador em literatura, sobretudo aquela escrita por mulheres, José Campos Júnior reflete sobre o contexto em que Ignez Mariz lançou 'A Barragem', em 1937.

23 / coluna

Novo livro do escritor e dramaturgo Tarcísio Pereira, 'A Farra do Meu Cadáver', transita entre o romance e a história. Hildeberto Barbosa Filho analisa a obra.

26 / poesia

Ronilson Ferreira dos Santos é professor está lançando seu primeiro livro de poesias, '(Re) Verso da Palavra', pela Arribaça. Vamos conhecer alguns poemas do poeta?

32 / ensaio

Autor de 'Além do Ipiranga', sobre Pedro Américo, o pesquisador Thélío Queiroz Farias mergulha nas raízes do célebre pintor ao abordar a história do avô e dos tios dele.

37 / artigo

Professor José Mário da Silva se debruça sobre o livro 'A Carteira de Meu Tio', de Joaquim Manuel de Macedo, autor conhecido pelo célebre romance 'A Moreninha'.

39 / coluna

Professor Milton Marques Júnior volta aos estudos do léxico da poesia de Augusto dos Anjos, na terceira parte de seu ensaio.

Mestre na crônica e na vida

Celebrados no dia 21 de junho, Gonzaga Rodrigues chegou aos 90 anos com uma notável carreira na imprensa paraibana e o título de “mestre da crônica”, tornando-o um dos nomes mais importantes da memória intelectual do estado

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Um menino pobre que nasceu no interior da Paraíba, filho único, de pai desconhecido, que perdeu a mãe nos primeiros anos de vida e não frequentou a escola o suficiente para obter diploma de curso superior não conquistaria, na lógica humana, qualquer notoriedade na vida adulta, ainda mais entre os mais letrados. Como a história da cada ser humano certamente é escrita por um conjunto de fatores, alguns até inexplicáveis, quis o destino que esse menino, batizado de Luiz Gonzaga Rodrigues, fosse adotado por um casal cuja nobreza não estava apenas nos pedaços de terra que conquistou às custas de muito trabalho, mas pelo desejo de trazer para o lar um filho que demorara a chegar.

Conduzidos pela educação recebida pela senhora Antonina Freire Ibiapino, casada com Manuel Avelino Rodrigues, Gonzaga seguiu o destino que lhe era designado. Foi alfabetizado pela mãe adotiva, e já na infância, em Alagoa Nova, se apaixonou pela leitura e pela escrita, frequentou um Colégio Diocesano em Campina Grande e acumulou, na escola do mundo e do autodidatismo, conhecimento digno de qualquer mestre. Atualmente, com seus 90 anos de vida comemorados no dia 21 de junho, Gonzaga guarda títulos como o de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), é escritor, jornalista atuante e conhecido por muitos como o “mestre da crônica” no estado. É respeitado por muitos doutores das Letras, pela antigas e novas gerações de intelectuais, políticos e imprensa paraibana, sendo, inclusive, homenageado por uma empresa de comunicação como *Personalidade VIP do Ano* do ano em João Pessoa.

A simplicidade nas relações com o próximo e no modo de vida, o desprendimento a qualquer tipo de vaidade ou honraria, a inteligência, o jeito agregador de um contador de histórias nato, o fez arrebatado uma verdadeira legião de amigos. Nessa nonagésima primavera que o alagoa-novense completa, quem é brindada é a Paraíba. Amigos, jornalistas, literários e confrades de Gonzaga relatam que a presença humilde desse homem das letras, o legado literário e exemplo de vida que ele vem trilhando é o grande presente para a Cultura do Estado.

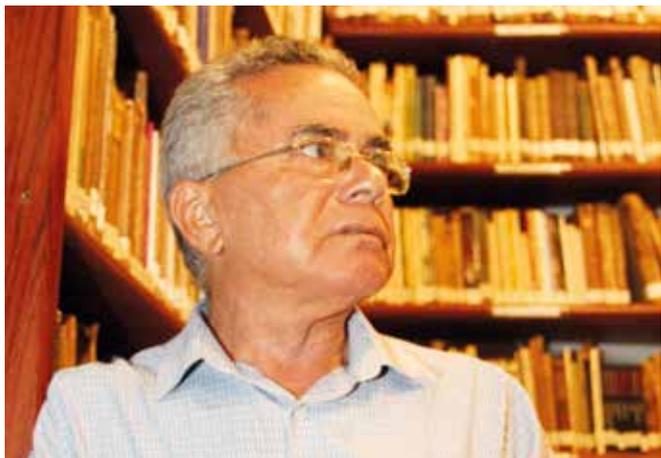


FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO

José Nunes sobre o confrade Gonzaga: “Revelação humana recolhida dos ensinamentos místicos que contagiam ‘olhar meigo e pelo sorriso”

“Como legado, de todas as lições que possamos dele recolher, de humildade, sinceridade, do olhar para as causas sociais e o bem-estar das pessoas, é pela busca incessante da valorização da arte, do livro como produto de construção da sociedade, da preservação da história humana a partir de sua aldeia, que Gonzaga é lembrado hoje, nos seus 90 anos, e será, para sempre reverenciado em sua terra. Ele continua sendo recordado como um homem-escritor, preocupado em resgatar o melhor da literatura escondida, sempre desejando o livro nas mãos da criança”, declarou José Nunes, jornalista, diácono, escritor, integrante da APL, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da União Brasileira de Escritores-Paraíba.

A aproximação entre Nunes e Gonzaga tem mais de meio século e o pontapé ocorreu no início da década de 1970. Nessa época, os intelectuais, poetas, músicos, médicos, jornalistas, escritores, enfim, um grupo seleto de pessoas pensantes do Estado costumavam se reunir no terraço da casa do cronista Nathanael Alves, em Tambauzinho, João Pessoa, geralmente nas noites de sábado. Lá discutiam desde os bastidores da política, até os planos econômicos em voga, os sucessores de governos, eventos e projetos culturais e as atualidades do momento. Gonzaga Rodrigues era, então, frequentador assíduo desses encontros.

E José Nunes, que saíra da terra-natal - Serraria - para se estabelecer um tempo em Arara, veio morar em João Pessoa. “Nathanael me fez familiar de todos, na extensão de minha amizade com o dono da casa. Quando, em abril de 1981, Nathanael faleceu, não demorou para que eu me aproximasse de Gonzaga. Mesmo porque, trabalhando como repórter em *A União*, com ele realizei um projeto que consistia na edição de um suplemento agrícola, chamado de *Jornal da Terra*, do qual Gonzaga foi um dos mais entusiastas dessa publicação”, contou Nunes.

Segundo Nunes, Gonzaga passou a ser uma espécie de orientador nos assuntos jornalísticos e literários, um guia que substituiu Nathanael, aquele que o adotou como um filho e lhe colocou livros nas mãos. Aproximando-se de Gonzaga, Nunes diz que não ficou órfão em termos de aconselhamento para as questões literárias. “Daí, então, até hoje, ele tem sido para mim um pai e eu, um filho para ele. Pai e filho espirituais, unidos pelos livros, pelas artes e pelo amor à terra onde nascemos. Ele em Alagoa Nova, eu em Serraria”, ressaltou o diácono.

Os anos de convivência entre José Nunes e Gonzaga Rodrigues, que foram muito além dos assuntos literários, fizeram com que os dois se tornassem parceiros de toda uma vida. O jornalista e diácono não esconde a admiração que tem pelo mestre e observa nele características profissionais e também humanas. Nunes enfocou que apontaria em Gonzaga a “revelação humana recolhida dos ensinamentos místicos que contagiam pelo olhar meigo e pelo sorriso”, dons que se assemelham aos “míticos que inspiraram São Francisco de Assis”.

“Talvez esses gestos que, transmitem alegria e paz, tenham sido recolhidos e alimentados na infância e durante a juventude, na paisagem amena de Alagoa Nova, onde tudo era silêncio, e as pessoas que viviam na partilha do que possuíam, ajudando-se mutuamente em gestos criativos. O ser humano que Gonzaga se transformou talvez venha do



FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



FOTO: DAVID DINIZ/APL

Especialista na crônica de Gonzaga Rodrigues, Ângela Bezerra de Castro atesta que o paraibano se equipara a qualquer grande escritor brasileiro

convívio com a sua terra e sua gente, semelhantes nos gestos e nas atitudes”, pontuou Nunes.

Dos 90 anos de vida, Gonzaga dedicou mais de 70 à produção de crônicas, que são sempre publicadas na imprensa paraibana, bem como registradas em livros. Algumas pessoas que hoje fazem parte do círculo de amigas do escritor conheceram as publicações antes mesmo de terem o primeiro contato com o autor delas. “Conheço a crônica de Gonzaga há meio século. Já ao escritor, só fui apresentada dez anos depois. Logo nos aproximamos porque, além da admiração que eu tinha por ele, fomos descobrindo grandes afinidades entre nós, sobretudo na Literatu-

ra”, afirmou a professora, escritora, crítica literária e integrante da APL, Ângela Bezerra de Castro.

De acordo com ela, que também presidiu a APL, o fato de serem confrades foi outra grande ponte entre os dois, pois dividiram, permanentemente, sonhos, projetos e preferências. Como toda relação saudável, há porém algumas divergências que, no caso deles, têm o foco na política brasileira. “Mas isso jamais constituiu problema entre nós dois. Nossa amizade é um valioso patrimônio que envolve toda a família, inclusive as netas”, enfatizou Ângela.

Além da grande afinidade, a convivência entre ambos inclui respeito, admiração e carinho, em uma via de mão dupla. Para a professora, há uma certeza de que sempre poderão contar um com o outro. “É assim nossa amizade, um bem cultivado por nós dois e pelas nossas famílias.”

Outra escritora que, antes mesmo de se tornar amiga de Gonzaga, já lia os textos dele quando eram publicados no jornal O Norte, é Ana Adelaide Peixoto, professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutora em Teoria da Literatura. Ela, que escreve crônicas há

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



Dos 90 anos de vida, Gonzaga dedicou mais de 70 à produção de crônicas, que são sempre publicadas na imprensa paraibana, bem como registradas em livros

cerca de 30 anos, disse que desde tempos de outrora que já “sabia da importância” do autor. “Só depois o conheci mais de perto. Uma pessoa que queria ter sido amiga, conviver, vivenciar as trocas. Invejo os seus amigos. Toda vez que temos Gonzaga num evento, tenho admiração, escuta e aplauso”, disse a cronista.

Ana Adelaide destacou que a convivência entre eles “é de longe”. Eles se falam, de vez em quando, por telefone e trocam palavras carinhosas em público. A admiração e carinho, porém, são sentimentos permanentes. “Acho Gonzaga um homem muito bonito no topo dos seus 90 anos. A sua calma também nos cativa. Amoroso. Gentil. Generoso. Cordial. E atento. Comigo é sempre um gentleman. Tenho muito carinho e admiração por ele”, enfocou.

Mesmo sendo uma cronista veterana, Ana Adelaide revelou que tem orgulho em saber que o mestre Gonzaga, além de estar atento ao que ela escreve, faz comentários importantes como “leitor e crítico” do trabalho dela. A escritora é uma das testemunhas do rol de amigos que o paraibano conquistou com sua postura modesta, porém firme em suas convicções, da maneira gentil de chamar os mais próximos de “neguim” e não se deixar deslumbrar com honrarias e títulos recebidos, apesar de respeitar cada iniciativa.



FOTO: ANA LIMA/DIVULGAÇÃO

Para o fotógrafo Antônio David, Gonzaga é uma pessoa versátil: “Ele sempre acompanhou a evolução do tempo”

“Amigos tantos, e tanta admiração de toda uma cidade, um estado e a sua cultura. Nos seus 90 anos, só o parabênio pela sua vida, sua escrita, seu olhar atentíssimo às ‘coisas belas e findas’. Desejhe saúde e muitas felicidades. E agradeço a sua existência e amizade, que hoje posso me orgulhar de ter. Mesmo de longe.”

O interesse de Gonzaga Rodrigues por conhecimento não recai apenas sobre a literatura, mas sobre a arte em geral, seja fotografia, cinema ou pintura. O fotógrafo Antonio David Diniz, que o conhece há décadas, é testemunha desse olhar mais ampliado do paraibano. Ele frisou que quando Gonzaga admirava, por exemplo, a obra de artistas como Frans Janszoon Post (1612-1680), desenhista holandês que realizou excursões pelo Nordeste bra-



FOTO: RODOLFOATHAIDE/DIVULGAÇÃO

Cronista, Ana Adelaide elogia o mestre: “Acho Gonzaga um homem muito bonito no topo dos seus 90 anos. A sua calma também nos cativa. Amoroso. Gentil. Generoso. Cordial. E atento”

sileiro no século 17, Gonzaga não observa somente a pintura.

“Quando ele fala em Frans Post, que pintou a cidade de João Pessoa, Gonzaga não vê somente o quadro, mas estuda, lê a obra, porque ele foi sempre uma pessoa de estudar as coisas. Gonzaga fala sobre perspectiva, iluminação, claro e branco. E aí você se pergunta: Rapaz, esse cara entende de pintura, entende de tudo? Ele tem um grande repertório. Isso é bom, porque a gente sempre aprende com Gonzaga”, disse o artista visual.

A aproximação entre os dois começou na década de 1970, no *Jornal A União*, e hoje em dia David diz que eles mantêm uma relação paternal. Tanto é que, quando visita a casa do amigo, no bairro Expedicionários, em João Pessoa, David é recebido com um café fresquinho. “Ele me diz que vai fazer um cafezinho, porque é a única coisa que sabe fazer. Me sinto como um filho dele, desse homem que é uma enciclopédia viva. Todo assunto que você puxar ele sabe. Gonzaga sempre acompanhou a evolução do tempo, acompanhou a evolução da fotografia, da imagem entrando em movimento para o cinema, conheceu Linduarte Noronha, o pessoal do teatro, é uma pessoa versátil.”

A eterna curiosidade sobre o desconhecido, a vontade e entusiasmo de aprender é um dos pilares do acúmulo de conhecimento do paraibano. David, que já acompanhou o cronista em alguns trabalhos, disse que o nonagenário é o tipo de pessoa que, por exemplo, chega chega a uma empresa de comunicação e, se sentir atraído por algo novo, pára e fica refletindo.

“Vamos supor: se ele entrar num estúdio de televisão, passa uns 20 ou 30 minutos olhando, quieto. Depois, chega bem manso e pergunta: Por que tinha aquela parede toda azul? Aí a gente diz que é o croma key. Então ele continua: e o que é croma key? Ele vai em cima da curiosidade dele, dentro da sensibilidade jornalística.”

Como toda relação paternal é comum a troca de mimos e Antonio David contou que sonha em levar Gonzaga para admirar as belezas da cidade do

Rio Sanhauá, lugar onde a capital paraibana nasceu. A ideia é pegar um barco à tarde e passear pelo rio, observando João Pessoa do ponto de suas origens. “Mas de barco pequeno ele tem medo, então pensamos em arranjar uma lancha pequena. Porque Gonzaga sempre teve um olhar artístico.”

O gênero literário que está no DNA

O alagoa-novense Luiz Gonzaga Rodrigues atuou em várias funções na imprensa paraibana - as experiências vão desde a de revisor e repórter, até membro da diretoria. Ele também assumiu cargo público no Governo estadual, presidiu instituições, a exemplo da Associação Paraibana de Imprensa (API), no entanto, a crônica é o seu principal legado na cultura paraibana. Por meio do olhar lírico, ele retrata o cotidiano de João Pessoa, da Paraíba, as belezas por onde passou, mas também as fragilidades humanas e sociais. Ele expõe o ponto de vista do homem que clama por igualdade entre os cidadãos e por relações mais humanas entre os povos.

Difícil é mensurar quantos textos foram escritos, mas podem chegar a cinco mil, conforme calculou o próprio autor em entrevista ao *Correio das Artes* em julho do ano passado. “Desde que deixei a máquina de datilografia, e comecei a escrever no computador, já são mais de três mil crônicas. Claro que dessas mais de três mil, devo ter umas 1.200 conservadas, só como arquivo. Agora, antes do computador, as crônicas ficaram no jornal de papel, no *Jornal O Norte* e no *Jornal A União*. Tenho a impressão que, ao todo, são cerca de cinco mil títulos”, declarou na época da entrevista, cujo tema de capa da revista foi, justamente, a crônica.

O gênero literário faz parte da trajetória de Gonzaga e, segundo amigos, escritores e confrades, é sua principal herança cultural. A professora, crítica literária e integrante da APL, Ângela Bezerra de Castro, afirmou que é a pessoa que mais escreveu sobre a crônica dele. Ela acrescentou que tem “orgulho de dizer isso” uma vez que a obra do confrade “pode se equiparar, sem nenhum favor, a qualquer grande escritor brasileiro”. “Tem expressão e estilo para se igualar aos melhores narradores. Tanto na crônica quanto na novela”, frisou.

Ao citar um dos comentários que já registrou sobre o amigo, a professora conclui que o texto dele “é trabalhado para parecer simples, mais próximo do coloquial. Nesse aspecto sua grande afinidade é José Lins do Rego, romancista criador de um estilo que faz a crítica confundir-se, afirmando quase



FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO

Carlos Pereira: “Gonzaga reina absoluto no estilo de comentar das cidades, dos costumes, da política, de reclamações justas como porta-voz da sociedade”

sempre que ele escrevia sem esforço, o que constitui um grande equívoco. Zelins construiu a simplicidade e renovou a linguagem do romance brasileiro.”

O jornalista e escritor Carlos Pereira, cujas crônicas que assina são apresentadas toda semana nas ondas da Rádio Tabajara, também já adotou a obra de Gonzaga como tema de seus textos. Ele fez questão de destacar, nessa edição da revista, a crônica “O calombo do Bessa”, em que fez várias observações sobre os escritos do nonagenário. “Depois que Luiz Augusto Crispim nos deixou, Gonzaga como que reina absoluto no estilo de comentar das cidades, dos costumes, da política, de coisas do passado, de assuntos do presente, de querelas políticas, de reclamações justas como porta-voz da sociedade”.

Nesta mesma publicação, Carlos Pereira contou que a amizade de ambos vem de longa data, do tempo em que Gonzaga era redator do jornal *Correio da Paraíba*, quando este funcionava na rua Barão do Triunfo. “Assim foi ele, e continua sendo, o maior cronista da cidade, do estado e talvez um dos melhores da região. Em *A União*, em *O Norte*, no já dito *Correio da Paraíba* e no *Jornal da Paraíba*, existe a marca inconfundível de quem sabe descrever desde o cotidiano, até fazer e exegese de vultos dignos dos maiores econômicos, a exemplo de Zé Américo, Pedro Gondim, João Agripino e Alcides Carneiro.”

Para José Nunes, Gonzaga se destaca como “cronista maior” porque, tendo reduzido a produção como poeta, não chegando ao cume como romancista ou contista - como era seu desejo mas que não conseguiu realizar, porque sempre foi muito exigente na elaboração de uma obra nestes gêneros literários”, se enveredou para o lado da crônica.

Independentemente de ter sido a primeira ou segunda opção da escrita de Gonzaga, a verdade é

que o gênero literário parece fazer parte do DNA do paraibano, e o acompanha há quase 70 anos, como lembrou Nunes “Como cronista, que publicou o primeiro texto em *O Norte* no ano de 1954, espalhou seu olhar sobre a cidade que adotou a partir de 1951, mas que na saudade retornava o olhar para Alagoa Nova, onde nasceu e viveu a infância e adolescência, sempre recolhendo as paisagens urbanas e rurais. A paisagem humana, em redor do sítio, que depois transportou para a crônica em tom poético. O modo de falar da cidade, de sua gente e na abordagem como escreve sobre a dor humana, no registro dos acontecimentos das ruas, fizeram dele um cronista maior, de certo modo amado e reverenciado”.

“Ele personifica dignamente o labor do cronista”

De acordo com ele, o diferencial na escrita do amigo está na “sonoridade que impõe cada frase, com texto enxuto, frases retas, usando as palavras certas e niveladas, comparável à fileira de tijolos na construção de paredes”. O escritor e diácono enfocou que Gonzaga criou, desde cedo, um estilo próprio, fácil de se identificar. “O poder de síntese dele é muito grande, como de poucos em nosso país, comparável a Graciliano Ramos, a Rubens Braga, a Machado de Assis”, completou.

O presidente da APL, Ramalho Leite, também não esconde a admiração pelo confrade e o caracteriza como uma pessoa cordial e afetiva, que ama os amigos e também é amado por eles. Segundo Ramalho, a afetividade que conduz a vida pessoal de Gonzaga se transpõe, sem reservas, para o campo profissional.

“Tudo que faz é com paixão e entusiasmo. Se algum dia eu tivesse de fazer um dicionário, quando chegasse no verbete - cronista, bastaria uma foto de Gonzaga! É o cronista por excelência e o excelentíssimo cronista”, declarou Ramalho.

Se por um lado, Gonzaga Rodrigues é respeitado pelos escritores veteranos, por outro é uma influência positiva para os cronistas iniciantes. Difícil encontrar um escritor do gênero, de gerações mais recentes, que não tenha acompanhado o trabalho do mestre, seja de forma pontual ou assiduamente.

Com cinco livros publicados, sendo dois de

crônicas, o jornalista e escritor Phelipe Caldas publicou o primeiro livro de crônicas em 2017 (*Além do Futebol: Paixões, Dores e Memórias Sobre um Jogo de Bola*, pela editora Ideia). Ele declarou que, “historicamente, a crônica sempre foi vista como um estilo literário menor, quando comparado ao romance e à poesia, o que obviamente é uma besteira”. “Então, Gonzaga Rodrigues é um dos pioneiros e um dos principais expoentes paraibanos que coloca a crônica em seu devido lugar, como um estilo literário potente que é capaz de dialogar, de forma íntima, com o cotidiano”, enfocou.



Phelipe Caldas: “Uma das características mais fantásticas dos textos de Gonzaga é a total possibilidade de se escrever sobre qualquer tema”

Segundo ele, a crônica paraibana é redimensionada a partir de Gonzaga, que ao longo das décadas passa a nos “embalar com as narrativas mais maravilhosas possível” sobre questões e situações que estavam e estão em nosso entorno.

“O que eu mais gosto na crônica, e essa é uma das características mais fantásticas dos textos de Gonzaga, é a total possibilidade de se escrever sobre qualquer tema. O menor dos detalhes, a mais aparentemente irrelevante das questões, podem se transformar em crônicas. Bastando para isso um olhar sensível para perceber aquilo o que ninguém mais percebe. Assim, os vultos populares, os anônimos, os espaços urbanos, os microcosmos que nos habitam, tudo pode virar crônica”, declarou Caldas.

De geração semelhante a de Phelipe, o escritor e jornalista Tiago Germano lançou um livro de crônicas - *Demônios Domésticos* (Le Chein) em 2017. De acordo com ele, o gênero literário tem uma identidade forte com João Pessoa. “Então, é impossível falar da paisagem literária da cidade sem falar de Gonzaga Rodrigues, e vice-versa, apesar de ele ser

brejeiro de Alagoa Nova. Também é impossível falar de crônica sem falar de jornalismo, e é aí que a figura de Gonzaga dobra de tamanho. Ingressei nas redações quando Gonzaga já era um mestre e suas histórias enchiam os corredores dos jornais, como sua presença sempre tão querida e admirada pelos colegas”, destacou Tiago.

Ele afirmou que, numa genealogia de cronistas, “somos todos filhos de Gonzaga, um nome incontornável, num gênero que tem o tempo como matéria-bruta, exercido por um cronista que foi também um homem de vários tempos”.



FOTO: FÁBIO CARDOSO/ DIVULGAÇÃO

Tiago Germano lembra que é impossível falar de crônica sem falar de jornalismo: “É aí que a figura de Gonzaga dobra de tamanho”

Tiago destacou a “constância e a versatilidade” no texto do escritor, uma vez que não é fácil se manter produtivo por tantas décadas, sem deixar de se tornar referência em um meio que já passou por tantas revoluções como o jornalismo.

Nesse contexto, ele salientou que “Gonzaga é quase um repentista do ofício, pois parece capaz de produzir um texto de qualidade sobre qualquer assunto que lhe for posto à mesa”. “E em *off*, ainda nos brincar com detalhes pitorescos que deixou de fora, por serem impublicáveis, porque Gonzaga é um cronista à moda antiga: não sabe dos fatos por ouvir falar, mas por ser testemunha ocular dos episódios que narra. Há craques que precisam procurar a bola. Gonzaga é dos craques que sempre têm a bola nos pés”, acrescentou.

Tiago Germano relembrou do período de luto da pandemia, época em que ele, andando por João Pessoa semideserta, “à cata de histórias”, encontrou com Gonzaga Rodrigues algumas vezes no bairro da Torre, lugar considerado o “rincão” do mestre. Segundo ele, o cronista caminhava com uma máscara no rosto e duas sacolas de supermercado nos braços. “Num vigor que me impressionou e me fez pensar: eis aí um homem que, ainda em vida, se tornou personagem da história. Gonzaga é um patrimônio nosso. Não há escritor que não se sinta honrado em dividir um dedo de prosa com alguém que personifica tão dignamente esse nosso labutar diário”, observou Tiago.

A escritora Ana Adelaide Peixoto está no rol das veteranas quando o assunto é crônica, pois há cerca de 30 anos se dedica ao gênero literário. Para ela, as novas gerações deveriam ver o mestre paraibano com uma inspiração, porque a literatura contemporânea precisa ter também um “olhar atento para o passado”. Entre as características do texto de Gonzaga, ela citou o domínio e o conhecimento sobre o espaço e tempo em que vive ou viveu, sobre os amigos e pessoas que lhe são caras, além da linguagem: “Coloquial, poética, certa, com humor, e muita sabedoria de vida. Tudo isso colocado prosaica e literariamente”.

Segundo ela, a crônica de Gonzaga “é presente, crítica, precisa, mesmo quando se reporta aos seus longínquos dias, e às experiências no seu lugar de nascimento, Alagoa Nova”. “Ele é uma demonstração da famosa frase do Tolstói: ‘Fale da sua aldeia, e estarás falando do mundo’”.

De revisor a diretor de veículo impresso

O jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues atuou nos principais jornais impressos da Paraíba. O início da carreira foi em *O Norte*, dos Diários Associados, atuando como revisor e repórter – na década de 1950. Mas não se demorou na empresa, indo trabalhar em seguida no jornal *A União*, onde até hoje colabora com a publicação de crônicas semanais. Anos depois, ele retornou ao *O Norte*, assumindo outras funções.

De acordo com a professora, crítica literária, escritora e integrante da APL, Ângela Bezerra de Castro, o jornal *Correio da Paraíba* também foi outra empresa em que o paraibano trabalhou. “Ele fez parte da equipe fundadora do *Correio da Paraíba*, em 1953. Nos três jornais, foi repórter e redator. Desde a década de 1960, ele tem militado na imprensa como cronista desses veículos. Ainda hoje, participa da resistência de *A União* publicando esse gênero literário”, acrescentou Ângela.

O jornalista Luiz Carlos Souza também conhece o mestre paraibano de longa data, mais precisamente desde os anos 1980, quando se tornou aluno do Curso de Comunicação Social e passou a frequentar a redação do jornal *A União*. “Um dia, testemunhei uma conversa entre ele e o editor Agnaldo Almeida sobre a necessidade de contratação de

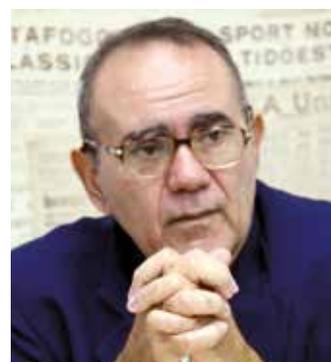


FOTO: EVANDRO PEREIRA/A UNIÃO

Luiz Carlos: ‘A União’ é a “emoção profissional” de Gonzaga

um repórter. Na hora, disse que havia sido aprovado para o curso e que estava querendo trabalhar. Gonzaga com aquele domínio de cena disse para Agnaldo: ‘-Pia neguim, caiu do céu. Amanhã procure Tião Lucena’, que era o chefe de reportagem”, contou Luiz Carlos.

A partir de então, os dois se tornaram próximos, com incontáveis reencontros ao longo da vida. Trabalharam juntos no jornal *O Norte*, no *Correio da Paraíba*, no *Jornal da Paraíba*, além de *A União*. “Mas foi em *A União* onde a convivência de aluno com o mestre foi mais presente, com lições diárias sobre o fazer jornalístico, da redação à diagramação das páginas. Do planejamento à edição”, contou.

Segundo Luiz Carlos, certa vez Gonzaga comentou que *A União* foi a “emoção profissional” da vida dele. Nesse veículo, ele acumulou experiências como revisor, secretário de Redação e diretor técnico. “Enfim, foi um ativo colaborador com serviços prestados e muita criatividade em tudo que fez na gráfica, na editora e no jornal”.

Luiz Carlos considera Gonzaga um profissional ímpar, cuja contribuição para a Cultura paraibana é singular. Ele afirmou que o paraibano pensa e escreve bem, o que o diferencia. “Se ele não for de outro planeta, foi abduzido. Daí a enorme admiração que desperta. Ele fermenta qualquer discussão. Tem meu respeito e me representa”, completou Luiz Carlos.

Além da atuação na imprensa paraibana, Luiz Gonzaga Rodrigues ainda foi secretário de Comunicação Social do Estado; presidente da Associação Paraibana de Imprensa; sendo citado em verbete no *Dicionário de Literatura Brasileira*, editado pelo MEC.

Obras

“Gonzaga deixa um legado de obras que garantem sua imortalidade, consagradas na Academia Paraibana de Letras, mas também registradas em páginas de todos os jornais que a Paraíba conheceu”, declarou o presidente da APL, Ramalho Leite.

Para marcar os 90 anos do cronista, no dia 19 de junho deste ano foi lançada a antologia *Com os Olhos no Chão* (MVC/Forma), com uma seleção de crônicas escritas por Gonzaga Rodrigues ao longo dos anos.

Dentre as principais publicações de Gonzaga estão *Notas do Meu Lugar* (Acauã); *Retrato de Vida* (Ideia); *Um sítio que anda comigo* (Grafset); *Filipéia e outras saudades* (A União) e *Parahyba, A cidade, O rio e O mar* (Bloch).

Vale citar ainda *Café Alvear-Ponto de Encontro*

FOTO: EDSON MATOS/A UNIÃO



Segundo Ramalho, a afetividade que conduz a vida pessoal de Gonzaga se transpõe, sem reservas, para o campo profissional

Perdido (Textoarte), que relembra as conversas políticas comuns no Ponto de Cem Réis; e *Com os olhos no chão* (MVC/Forma), que reúne cerca de 150 crônicas do paraibano.

Para Ramalho Leite, pela trajetória que construiu como profissional e como homem “afável”, Gonzaga chega aos 90 anos acumulando o respeito dos paraibanos e a admiração dos brasileiros que apreciam seus escritos. “Um brasileiro que Alagoa Nova nos concedeu a graça da convivência e da amizade. Parabéns.”

Homenagens e títulos

Ao longo da trajetória profissional, Luiz Gonzaga Rodrigues recebeu de órgãos públicos, empresas privadas e instituições paraibanas uma série de homenagens, títulos e outras honrarias pela contribuição cultural e literária do paraibano ao Estado. Confira algumas:

-Em 1980 recebeu o título de Cidadão Campinense, pela Câmara de Vereadores da cidade.

-Foi agraciado em 2001, pela empresa TV *Tambaú*, com o título de *Personalidade VIP do Ano*.

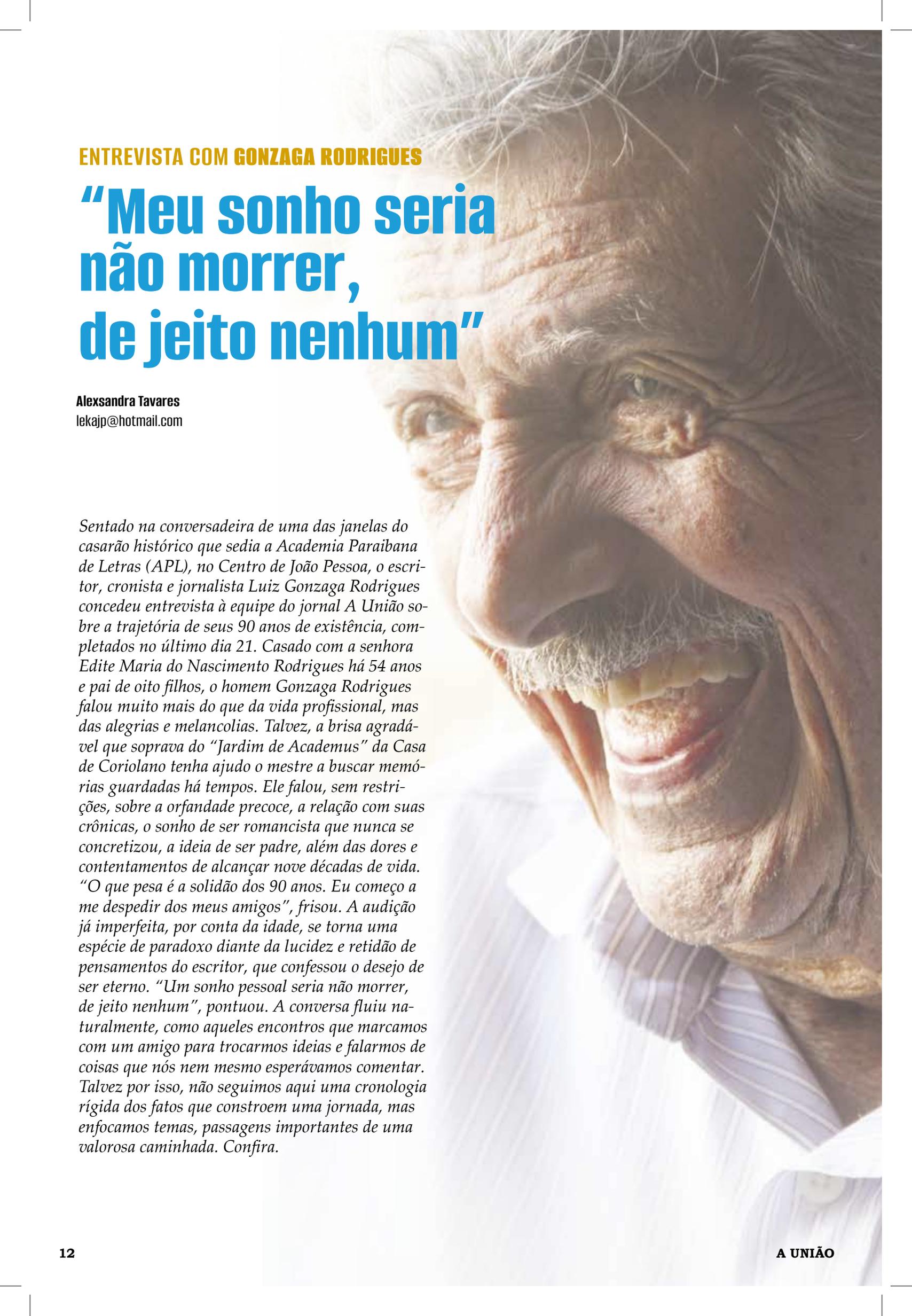
-Em 2009, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB);

-Recebeu da Câmara Municipal de João Pessoa, em 2013, o título de Cidadão Pessoaense e a Medalha do Mérito da capital paraibana;

-No aniversário de 85 anos, em 2018, foi homenageado pela *Confraria Sol das Letras*, durante a realização do 52º *Pôr do Sol Literário*, na Academia Paraibana de Letras (APL). Na ocasião, o escritor recebeu o *Solito*, troféu criado pela Confraria para reconhecer e homenagear os destaques da literatura paraibana.

-Na 9ª edição do *Rota das Letras*, em 2022, foi homenageado pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) que destacou, na programação, a trajetória literária do paraibano.





ENTREVISTA COM GONZAGA RODRIGUES

“Meu sonho seria não morrer, de jeito nenhum”

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Sentado na conversadeira de uma das janelas do casarão histórico que sedia a Academia Paraibana de Letras (APL), no Centro de João Pessoa, o escritor, cronista e jornalista Luiz Gonzaga Rodrigues concedeu entrevista à equipe do jornal A União sobre a trajetória de seus 90 anos de existência, completados no último dia 21. Casado com a senhora Edite Maria do Nascimento Rodrigues há 54 anos e pai de oito filhos, o homem Gonzaga Rodrigues falou muito mais do que da vida profissional, mas das alegrias e melancolias. Talvez, a brisa agradável que soprava do “Jardim de Academus” da Casa de Coriolano tenha ajudado o mestre a buscar memórias guardadas há tempos. Ele falou, sem restrições, sobre a orfandade precoce, a relação com suas crônicas, o sonho de ser romancista que nunca se concretizou, a ideia de ser padre, além das dores e contentamentos de alcançar nove décadas de vida. “O que pesa é a solidão dos 90 anos. Eu começo a me despedir dos meus amigos”, frisou. A audição já imperfeita, por conta da idade, se torna uma espécie de paradoxo diante da lucidez e retidão de pensamentos do escritor, que confessou o desejo de ser eterno. “Um sonho pessoal seria não morrer, de jeito nenhum”, pontuou. A conversa fluiu naturalmente, como aqueles encontros que marcamos com um amigo para trocarmos ideias e falarmos de coisas que nós nem mesmo esperávamos comentar. Talvez por isso, não seguimos aqui uma cronologia rígida dos fatos que constroem uma jornada, mas enfocamos temas, passagens importantes de uma valorosa caminhada. Confira.

Gonzaga, alguns textos jornalísticas relatam que você nasceu no município paraibano de Areia, mas foi registrado em Alagoa Nova, cidade vizinha. Conta como foi essa história.

Eu nasci do lado de lá, de um rio que separava o município de Areia de Alagoa Nova, no chamado sopé da Borborema. Esse rio acabou. Então, eu nasci do lado de Areia, mais minha mãe legítima não pôde me criar e me deu a uma outra mãe que me adotou no Engenho Santo Antônio, depois Engenho Vitória, em Alagoa Nova, que são municípios vizinhos.

Como era a senhora Antonina Freire, a sua mãe adotiva?

Ela era uma religiosa praticante. Foi beata, criada na casa de caridade de Padre Ibiapina, de Alagoa Nova. E de lá saiu para casar com Manuel Avelino Rodrigues, um cidadão agricultor que, de terrinha em terrinha, terminou construindo um engenho. Entre essas terras estava a de Inácio da Costa Gondim, que era pai de Pedro Gondim, governador do Estado. Então, Manuel Avelino saiu fazendo e vendendo farinha, porque naquele tempo era o que se comia. Hoje em dia os médicos dizem que ofende, mas já foi a alimentação básica do Nordeste, de ricos e de pobres. Então, ela casou com ele, não houve filho e eu entrei na jogada (risos).

Como foi sua infância?

Para ser sincero, fui filho único e vivi na solidão. Quando minha mãe me adotou já tinha 50 anos e não tive infância acompanhada. Então, ela me deu o catecismo que era ilustrado, eu lia o texto e via a figura do outro lado. Nessa solidão de catecismo, leitura, o céu, o inferno, tudo isso, eu não tive outra alternativa a não ser ler. Aprendi a ler com minha mãe, depois fui para o grupo escolar e a leitura era tudo para mim. Minha mãe botou na minha cabeça de ser padre, então por conta disso era preciso, naquele tempo, ter uma admissão num Colégio Diocesano. Existia um Colégio desse em Campina Grande (Colégio Diocesano Pio XI), eu fui para lá e só fazia ler. Os meninos brincavam, mas eu não podia jogar futebol, nem voleibol porque eu tinha uma ferida na perna que o doutor dizia que se eu levasse uma pancada ela voltava. Então, eu abria a teologia, lendo e achando bonita a leitura. Tiveram parentes de minha mãe e de meu pai comerciantes em Campina Grande que me deram a opção de trabalhar no comércio, mas não era minha opção. Eu gostava de escrever. O professor João Viana, pai de Chico Viana, era professor de Português do Colégio Diocesano e descobriu em mim o jeito de escrever. Um dia, ele chamou a atenção na classe para uma dissertação que fiz, e isso foi um tempero em mim. Em Campina Grande não existia jornal, então vim para João Pessoa, pois já tinha leitura, já fazia uns poemas horríveis. Bem, horríveis para os que leram, mas para mim não eram.

O despertar para as crônicas começou em João Pessoa?

Em João Pessoa, entrei no jornal O Norte e comecei como revisor, depois fui repórter, mas eu nunca fui um bom repórter. Naquela época, vinha a mensagem pelos telégrafos e a gente tinha de colocar os conectivos - a isso se chamava traduzir o telegrama - e a gente fazia a retransmissão. Mas saí de O Norte. Depois fui para A União, que publicava todo dia uma crônica de Genolino Amado, de Rubem Braga e outros cronistas do Sul, além do cronista daqui que era diretor da União, Juarez da Gama Batista. E a leitura dessas crônicas foram me educando para isso.

Era esse o seu sonho?

Meu sonho já adulto, de consciência crítica, era ser um romancista. Mas uma coisa me atrapalhou. Eu era um cara que tinha ideologias, não compreendia o romance, a arte, sem que o escritor tivesse uma consciência social. Eu era um homem vinculado fortemente ao problema ideológico. Não cheguei a ser do partido Comunista porque, eventualmente, fui nomeado escrivão de polícia. Quando me desempregaram no jornal O Norte, o doutor José Américo me deu o emprego de escrivão de polícia. Nessa função, não podia pertencer à Juventude Comunista, que era meu objetivo ideológico. Mas, se o problema de vinculação com a delegacia de ordem social me prejudicou, também me ajudou. Porque eles tinham apreendido toda a literatura comunista das décadas de 35 a 37, e na delegacia tinha um depósito deles. Então, o que havia de teoria marxista, seja do ponto de vista do Social, Sociológico, Econômico ou Literário, eu lambi (risos).

E se não fosse essa função na polícia, que tipo de romance gostaria de escrever?

Essa vinculação me prejudicou porque o romance que eu queria fazer era o romance das Ligas Camponesas, de João Pedro, o romance vinculado à Reforma Agrária, ao problema social que ainda não foi resolvido e agora, e para sempre, se torna maior e mais difícil.

O senhor escreveu alguns livros de crônicas. De que forma o romancista foi substituído pelo cronista?

Como meu romance não podia ser comprometido, então eu fiquei fazendo minha cronicazinha. E 90% da minha crônica leva minha consciência social. Não é nada declarado, nem manifesto, mas no fundo essa consciência social nunca se desvinculou dela. Tem o lado lírico, que é o lado que as pessoas olham e dizem: 'Gonzaga, o cronista de João Pessoa'. Tudo é muito bonito, é verdade. Mas o meu sonho não era esse, era ser um romancista vinculado aos problemas do negro, da fome, da desigualdade, e isso está na minha crônica.

"Tem o lado lírico, que é o lado que as pessoas olham e dizem: 'Gonzaga, o cronista de João Pessoa'. Mas o meu sonho não era esse, era ser um romancista vinculado aos problemas do negro, da fome, da desigualdade"

Alcançar nove décadas de vida significa conviver com uma geração bem diferente do período em que o senhor nasceu e se tornou adulto. Como é conviver com esse mundo globalizado e tecnológico?

Não tenho o que fazer. Quando inventaram o papel, aqueles que liam num tijolinho não tiveram o que fazer. Agora, acho que o essencial humano fica. Podem modificar o que quiserem. Por exemplo, o amor hoje é explícito. Na televisão só faltam tirar a roupa na frente da tela. Mudam a forma, mas o amor, o ciúme, a ambição, o carinho da mãe pelo filho permanecem. Sivuca passou mais de 15 anos tentando a vida em Nova Iorque, mas ele nunca deixou de ter em casa um pedaço de rapadura e queijo coalho. Acho que essas origens estão sempre

latentes. Venha o digital, venha o que vier, mas o que é próprio do homem, vai continuar sendo. Escrevo minhas crônicas no computador com três ou quatro dedos, e não sei colocá-las num pen drive, nem levá-las para uma impressora. Mas, a crônica que faço hoje, continua a mesmíssima daquela que eu batia na *Harrington*. O que vai de mim para o papel ou para essa coisa que não sei o que é, porque é escapável, é a mesma coisa, é humano. Acho que acima do homem, nada.

Como é chegar aos 90 anos?

A gente não tem culpa nenhuma não é, de chegar a essa idade (risos)? Mas aí começa também a parte sentimental que é difícil a partir dessa fase. O que pesa é a solidão dos 90 anos. Eu começo a me despedir dos meus amigos. No meu caso, a amizade valeu tudo, era uma espécie de solo onde eu pisava. Nunca fui um homem só. Então, por exemplo, Adalberto Barreto, Martinho Moreira Franco, Luiz Augusto Crispim são alguns exemplos, e eles foram uma espécie de base segura. Quero recordar um episódio. Não tenho para quem telefonar! Porque a partir dos 80, você não vai se adaptar fácil. Tanto assim, que os velhinhos ficam procurando onde se encontrar. Daí a minha falta enorme do Ponto de Cem Reis. Hoje existe a praça concreta, mas a praça humana, do meu convívio, onde tomava um cafezinho, conferíamos nossas informações e emoções, não existe mais. Mas, sou compensado pelo apoio e afeto da família.

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Gonzaga sentado à máquina de escrever, décadas atrás: "A crônica que faço, hoje, continua a mesmíssima daquela que eu batia na Remington. O que vai de mim para o papel, ou para essa coisa que não sei o que é, porque é escapável, é humano. Acho que acima do homem, nada"

E quais as coisas boas de alcançar essa longevidade?

A coisa boa é o tempo de vida, a estabilidade. Isso aí vim alcançar depois dos 75 anos. Sou feliz como poucos, porque nenhum dos meus filhos me deram problema, nem preocupação. Se eu quiser pegar um foguete e ir à lua, eles se juntam para me levar.

Qual o seu maior desejo, aos 90 anos?

É difícil. Porque um sonho pessoal que eu poderia ter é não morrer, de jeito nenhum. Como não posso, meu único sonho que poderia ter é que as criaturas fossem menos desiguais. Esse é um grande sonho. Dói você ver uma pessoa na esquina, chovendo, pedindo comida, dizendo que veio da Venezuela. Isso é um absurdo, e dá uma ideia que é outra natureza de gente. Existiu um francês que falou uma coisa fundamental na minha vida. Há 50 anos, ele disse que a desigualdade entre os homens, entre o subdesenvolvido e o desenvolvido, é tão grande, que terminaria o pobre deixando de ser homem e virando um sub-homem. Hoje, temos o homem e o macaco. Se continuar esse extremismo de desigualdade, o macaco vai ficar em terceiro lugar. Vai existir o homem que criou tudo, o digital, que é uma espécie. E um sub-homem da miséria, da desigualdade, que é de outra espécie. Vamos chegar a isso. No fim de minha vida, não posso pensar noutro desejo.

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Um olhar para o infinito

Texto: José Nunes

Fotografias: Antônio David

Especial para o Correio das Artes

Em alguns momentos, o clic da máquina de David registrou o que a memória dificilmente registraria. Momentos jamais revividos, mas que ficarão para sempre fixados no papel para ganhar vida perpetua. ganhando vida para se tornar história. A história de uma vida carregada dos sentimentos do mundo, o seu mundo construído a partir do Engenho Vitória, em Alagoa Nova, a cidade que se mantém fixa na memória de Gonzaga, com sua paisagem humana e social.

Em alguns momentos, o clic da máquina de Antônio David registrou o que a memória dificilmente registraria. Momentos jamais revividos, mas que ficarão para sempre fixados no papel para ganhar vida perpetua. ganhando vida para se tornar história. A história de uma vida carregada dos sentimentos do mundo, o seu mundo construído a partir do Engenho Vitória, em Alagoa Nova, a cidade que se mantém fixa na memória de Gonzaga, com sua paisagem humana e social.

Quando, há cinco anos, Gonzaga retornou ao lugar onde nasceu e viveu os primeiros anos de sua vida, a vida construída com pequenos detalhes que a visão do menino soube captar, armazenar na memória e carregar por toda a sua existência, estão nas belas imagens captadas pelo fotógrafo.

Em uma manhã de sábado, iluminada pelo sol que se esparrava pelas serras e desfiladeiros cobertos de cana, Gonzaga percorreu o mundo do Engenho Vitória que mantém como um retrato que extasia a cada volta ao passado.

Seguindo a pé pela estrada onde tantas vezes passou em décadas atrás, acompanhado dos pais com destino à cidade, nos dias de domingo, geralmente para as missas e passear pela feira, Gonzaga parava para contemplar o sítio que sempre andou com ele. Naquele momento do registro do fotógrafo, tinha os olhos do pastor de sonhos, a capturar as paisagens que alimentam a vida.

Naquele sábado, quando entrou na casa onde nasceu, uma casa ainda guardada na memória, com suas luzes do final do dia a entrar pelas janelas e pela porta da



frente, escancaradas para receber a brisa da tarde, reviveu os mesmos sonhos do menino franzino de pele escura que se recolhia aos recantos da sala quando os adultos falavam.

O menino que passou a vida buscando na multidão a imagem do pai que não conheceu, mas que encontrava no retorno ao antigo lugar, a imagem daquele que o criou e educou com imenso carinho.

Neste retorno, revelado na fé, contempla o mesmo São Tarcísio que a mãe, Antonina, doou para a Igreja. Nessa ocasião, ele se encontrava no menino de antes que se fez coroinha para atender ao desejo da mãe. O templo religioso se tornou pequeno ao olhar esperançoso de Gonzaga adulto, enquanto recordava o tempo guardado, que estava presente como que a escutar as orações e sermões do Padre José Borges, que trovejava por toda nave da Igreja e chegava à rua como um brado sagrado.

Gonzaga revela-se um apaixonado pelas coisas que remontam ao passado, trazendo lembranças do tempo quando o homem sisudo largava o cambão da enxada para o passeio pela cidade em dia de feira, sempre com mesmo o olhar para o chão.

Foi para recordar desse tempo e da sua gente, gente junto da qual cresceu, que ele percorreu a feira de Alagoa Nova para olhar nos rostos guardadas do tempo passado nas imagens atuais. Feira onde o seu pai Avelino comprava aquilo que as terras do engenho não produziam, como o sal, o querosene, a mante de carne seca, o corte de tecido para as roupas do final de ano.

É nas feiras livres onde ele se encontra com seu passado, onde viveu o contato com o povo que sempre desejou defender e que passou a ser instrumento revelado nas suas crônicas de abordagem socioeconômica. O mesmo Gonzaga que passeia com desenvoltura pelos corredores do Palácio da Redenção ou vagueia pelos salões da Academia de Letras a qual pertence, é o mesmo que vai à feira livre de Oitizeiro para visitar a banca que expõe livros ou estar na feira da Torre proseando com os feirantes.

Na cidade de João Pessoa,



Instantes da vida de Gonzaga Rodrigues, capturados pela lente de Antônio David, na entrega do título de Doutor Honoris Causa na UFPB, em João Pessoa, e durante um passeio pela sua cidade natal, Alagoa Nova: o encontro com o passado na feira livre; a contemplação a São Tarcísio e o olhar de "pastor de sonhos"

a cidade banhada pelo rio e pelo mar, onde passou a residir desde o ano de 1951, foi onde sempre se revelou no olhar os recantos verdes, ao passado dos monumentos religiosos de 400 anos que resistem ao abandono. Gonzaga revela a cidade que poucos conseguem ver, e observa com o olhar prolongado de amante apaixonado por sua paisagem física e humana. Contempla o mar e a balustrada das Trincheiras com o mesmo desejo arrebatador de quem jamais se afastou da luta pela preservação e o cuidado de nossos patrimônios.

Quando anda pelas paisagens do Sertão esturricado, mesmo que seja passeio de saudade, nunca deixou de retratar a situação em que as famílias viviam e sempre ressalta as conquistas do povo sertanejo, dos indígenas Potiguaras e Tabajaras, nossos primeiros habitantes. Seja em Taperóá, com o amigo de quarto do Casa do Estudante, Dorgival Ter-

ceiro Neto, ou em Piancó, com os amigos Loureiros, em ambos os lugares seu fino olhar sempre captou a melhor imagem para reverter em texto.

Nem mesmo as conquistas e os espaços ocupados nos mais diferentes setores da cultura e na esfera governamental, afastaram Gonzaga da simplicidade no trato e na convivência familiar com amigos e a cidade.

O título de Doutor Honoris Causa conferido pela Universidade Federal da Paraíba não transformou o modo de olhar a cidade e sua gente. A alegria da conquista do título misturou-se com o prazer continuar o mesmo cronista que olha a cidade como quem somente deseja a sua transformação para melhor atender seus habitantes.

Ele continua o Gonzaga Rodrigues inquieto com as mazelas do mundo, que volta ao seu passado para buscar o menino que foi para se reencontrar no

cidadão de 90 anos. E em muitas ocasiões e lugares, durante anos, ao fotografar Gonzaga, Antônio David congelou e eternizou momentos que são únicos na vida do nosso homenageado.

Gonzaga e José Américo

Entre as amizades construídas a partir de sua convivência nas redações, que foram tantas e das mais destacadas no mundo político, empresarial, religioso e cultural, uma sempre se destacou em unanimidade: José Américo de Almeida.

Homem de pouco falar, econômico nos elogios e grande no que praticou, na política e nas letras, José Américo era arredio a certas aproximações e amizades. Tinha razões de sobra para isso, pois nos tempos ásperos dos anos de 1930, ele foi uma espécie de "governador civil do Norte", já tendo conquistado as paisagens literárias do País com seu romance *A Bagaceira*, lançado em 1928, um divisor de águas na literatura brasileira. E em 1937, encantou o país com sua candi-

datura à presidência da República, não se elegendo porque Getúlio Vargas destruiu o processo eleitoral democrático estabelecido para as eleições daquele ano.

Gonzaga conquistou a simpatia do ex-ministro quando este desfrutava de respeito e do apreço de todos paraibanos, porque não dizer, dos brasileiros.

Isso se deu de forma natural, aliado ao trabalho de jornalista conhecedor da arte de editar jornal, na alta forma editorial que conjugava beleza gráfica com estética.

A tudo isso se somou alguns momentos que esteve com escritor, e se consolidou a amizade depois que Gonzaga editou, para o *Jornal A União*, o discurso de posse de José Américo na Academia Brasileira de Letras, usando todos os recursos gráficos disponíveis, que chamou a atenção do ex-ministro para a forma como foi publicado o material.

Diferente do que o jornal normalmente editava seus cadernos, o discurso de José Amé-

rico foi publicado em duas páginas centrais do jornal. Como o material era insuficiente para todo o espaço, Gonzaga utilizou de recursos gráficos, abriu espaços entre as colunas com letras grandes, de modo que as páginas ficaram "arejadas", como se costuma dizer no jargão das redações.

No dia seguinte, recebendo o jornal em sua residência, na praia do Cabo Branco, José Américo quis saber quem teve a ideia de editar daquela forma seu discurso. Então Gonzaga foi estar com o ministro. Ao chegar em sua casa, foi cumprimentado e recebeu elogios pela bela página editada.

A partir daí, Gonzaga passou a frequentar, com certa assiduidade, a residência de José Américo e, com este, trocar experiências literárias.

Discurso de saudação

Gonzaga desfrutava de relativa liderança entre seus companheiros da imprensa, na maioria, considerada de esquer-

Há cinco anos, Gonzaga percorreu o mundo do Engenho Vitoria, que mantém como um retrato que extasia a cada volta ao passado e se mantém vivo na memória do cronista



da. Junto com outros jornalistas, desmontou o esquema de poderio na Associação Paraibana de Imprensa (API), que era comandada pelo “velho e um dos mais conceituados homem das redações”, José Leal. Gonzaga Rodrigues e Adalberto Barreto venceram a eleição da API.

Mesmo assim, seu prestígio no meio jornalístico e na cidade, Gonzaga credita à José Américo de Almeida quando este, ao ser homenageado pela Paraíba, por ocasião de seu ingresso na Academia Brasileira de Letras, no ano de 1966. Gonzaga foi escolhido pela categoria para falar em nome dos paraibanos.

Para evitar divergências entre a classe política, que à época disputava espaços no poder da Paraíba, por sugestão do ex-governador Pedro Moreno Gondim, para saudar José Américo deveria ser um jornalista. A opinião de Pedro, que acabara de deixar o Palácio da Redenção com prestígio em alta, colocou por terra as pretensões até de parlamentares próximos ao governo e ao ministro.

A escolha de Gonzaga como orador se deu da seguinte maneira: quando chegou à API o convite de que deveria escolher um de seus integrantes para saudar José Américo, o primeiro nome a ventilar junto ao corpo de diretores da associação foi do seu vice-presidente, Gonzaga Rodrigues. O jornalista Severino Ramos, com a influência e liderança que tinha entre seus colegas, “bateu o martelo”. Quem deveria falar em nome do povo da Paraíba e da imprensa era Gonzaga, logo aceito por todos.

Levado à Comissão Organizadora das homenagens ao novo imortal da ABL, o nome do jornalista para saudar o autor de *A Bagaceira* imediatamente foi aceito.

“Passei dez dias trabalhando no discurso. Escrevia, reescrevia o texto, buscava a melhor forma de falar do homenageado, que seria nada menos do que um dos homens mais influentes da Revolução de 1930 e que tinha muito prestígio junto ao Governo Federal que se instalara. Sua história exigia uma atenção especial, quanto ao conteúdo do discurso”, recordou.

As homenagens acontece-

ram no Teatro Santa Roza, no dia 15 de agosto de 1967, totalmente lotado. Autoridades de todas as esferas do governo, militares e eclesiásticas estavam presentes. Na mesa composta por autoridades cuidadosamente selecionadas, também estava Dom José Maria Pires, que havia chegado à Paraíba há pouco mais de um ano.

Concluída a fala de saudação, o ex-ministro José Américo foi ao encontro de Gonzaga, diante de todos os presentes, o abraçou e, segurando suas mãos, disse a ele: “Você também sabe fazer discurso”.

“Isto foi, para mim, o selo que abriu as portas do reconhecimento enquanto jornalista perante a Paraíba”, reconhece Gonzaga.

O ex-governador Pedro Gondim, que havia programado as homenagens a José Américo de Almeida, “o rei do Norte”, como ficou conhecido no cenário político de 1930, na ocasião, antecedendo ao discurso de Gonzaga, pronuncia, de improviso, como era de seu costume, a apresentação do conterrâneo de Alagoa Nova, dizendo que este faria a saudação em nome dos paraibanos.

Sobre a escolha de Gonzaga para aquele momento, escolhido pelos colegas da API, Pedro Gondim assim falou: “Como foi ele escolhido? Pela unanimidade dos aplausos daquela reunião. Vinha em nome de um poder que representava um corpo, eu era o corpo da imprensa falada e escrita; vinha com a síntese do nosso pensamento e confiança; moço, jovem, atualizado, confiante, uma admirador de José Américo, ele era o certo dentro da imagem da pessoa certa Gonzaga Rodrigues”.

E na conclusão da saudação, afirmou o governador, com os olhos fixos para a plateia que lotava o Teatro Santa Roza: “A partir desta hora, somos todos reverencia e ouvidos à palavra do orador da noite, Luiz Gonzaga Rodrigues”.

Um recado nas entrelinhas

Outro momento, também envolvendo José Américo no relacionamento com Gonzaga Rodrigues, ocorreu quando este encontrava-se hospitalizado

para tratamento de tuberculose, no período em que os militares buscavam prender simpatizantes dos camponeses. Quando menos esperava, José Américo chegou ao Hospital Clementino Fraga para uma visita a Gonzaga e, no dia seguinte, foi publicada a notícia no jornal.

“Isso, para mim, foi um recado aos militares de que, naquela ocasião, eu não estaria sozinho”, acredita Gonzaga.

Antes desta inusitada visita, Gonzaga havia recebido a visita do governador Pedro Gondim, que estava acompanhado de alguns de seus auxiliares.

José Nunes da Costa, natural de Serraria (PB), casado, diácono, jornalista e poeta, autor de vários livros, é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da Academia Paraibana de Letras (APL). É cronista colaborador de *A União*.

Mora em João Pessoa

Antônio David Diniz é repórter-fotográfico desde 1975. Atuou nos jornais *O Norte* (1975-1976), *O Momento* (1985-1986) e *A União* (1977-1994), bem como na Secretaria de Estado da Comunicação (Secom-PB).

Premiado fotógrafo, sua obra integra o acervo do Museu da Imaginação (2006) e lançou livros como “Antonio David 30 anos de Fotojornalismo” e “O Ser e o Mar”. Mora em João Pessoa (PB).

A paraibana Ignez Mariz e seu lugar no contexto do "Romance de 30"

José Campos Júnior
Especial para o Correio das Artes

Na década de 1930, no contexto da literatura brasileira, o romance regionalista estava atingindo um nível de maturidade antes não observado, graças, principalmente, às publicações dos escritores nordestinos: Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e José Américo de Almeida. Este, aliás, é considerado pela historiografia oficial como o precursor do chamado 'Romance de 30', com seu romance *A Bagaceira*, publicado em 1928, como marco inicial do que viria a tornar-se, na década seguinte, uma das fases do Modernismo brasileiro.

No entanto, não somente esses dois paraibanos figuram como escritores dessa época. A escritora paraibana Ignez Mariz publicou *A Barragem* em 1937, um romance de cunho regionalista que narra os problemas enfrentados pela família de Zé Mariano e Mariquinha durante a construção da barragem de São Gonçalo, em Sousa (PB), onde fixaram-se após fugir da seca onde antes moravam.

O cotidiano dos trabalhadores da barragem, cheio de roubalheiras, exploração de mão de obra e insalubres condições de vida, serve de cenário para os conflitos vividos pelos

progenitores da referida família, bem como pela sua filha mais velha: Remédios, a qual, com seus questionamentos e comportamento considerado inadequado para uma 'mocinha que deve ser comedida e se portar bem', representa um ponto de rachadura naquele ambiente machista e conservador.

Entretanto, minha intenção aqui não é analisar as questões imanentes ao texto, o que nos traria aspectos interessantes a serem debatidos. Proponho a reflexão, aqui neste espaço, acerca de questões outras que também são caras à literatura e, muitas vezes, decisivas, a exemplo dos aspectos sociais, econômicos e de gênero, visto que nosso mercado editorial ainda sofre influências de uma estrutura social que privilegia alguns grupos em detrimento de outros, sobretudo em um contexto de quase 100 anos atrás, época da publicação do romance em questão.

Em primeiro lugar, vale destacar o fato de que a *A Barragem* foi publicado por uma das maiores editoras do país na época, a Editora José Olympio, localizada no Rio de Janeiro, e não por uma editora local ou de circulação mais restrita. Já de início, isso faz com que uma obra tenha uma maior circula-

ção, fazendo com que, em tese, tenha potencial para atingir um grande número de leitores.

A Editora José Olympio ficou conhecida, entre outros feitos, por publicar as obras dos autores citados no começo deste texto, tornando-a importante para a consolidação da tendência regionalista na literatura nacional. O mercado editorial de outros estados ainda estava se desenvolvendo a passos lentos, ao passo que o Sudeste, como região mais rica do país, ganhava espaço nesse e em outros segmentos já há algumas décadas, o que aponta para a relação existente entre economia e cultura, uma vez que, normalmente, a primeira fornece condições materiais e impulsiona o desenvolvimento da segunda.

Outro aspecto importante diz respeito ao fato de que o cânone brasileiro foi construído priorizando-se os sujeitos masculinos e brancos, fazendo com que outros grupos ficassem à margem, como as mulheres, negros, homossexuais e indígenas. Como apontado por Flávio Kothé (no livro *O Cânone Colonial*, de 1997), o cânone estrutura-se em função de uma determinada ideologia, encobrindo o aspecto ideológico para tentar nos convencer de que o mais importante é critério artístico. Assim,



Ignez Mariz, autora de 'A Barragem', romance regionalista lançado em 1937 pela editora carioca José Olympio

o cânone é, por natureza, excludente, uma vez que sempre haverá a seleção de determinadas obras ocasionando a exclusão de outras. Porém, o que acontece é que os excluídos são justamente pessoas que não se enquadram nas características que um canônico deve ter: ter a pele branca, ser do sexo masculino e fazer parte da elite intelectual.

Em relação especificamente ao contexto do regionalismo de 30, o crítico literário Luís Bueno, ao abordar o romance proletário em seu livro *Uma História do Romance de 30* (2006), chama a atenção para o esgotamento de tal temática uma vez que se configurou como uma “moda” literária em razão da ascensão dos escritores regionalistas. Esse fenômeno fez com que alguns

temas acabassem se repetindo, fazendo com que os críticos, a partir de então, esperassem algo diferente dos romances estreantes, algo capaz de causar admiração.

Nesse sentido, é fundamental que leiamos um comentário de Octávio Tarquínio de Souza exposto em *O Jornal* a respeito de *A Barragem*, quando da sua publicação em 1937: “Do-

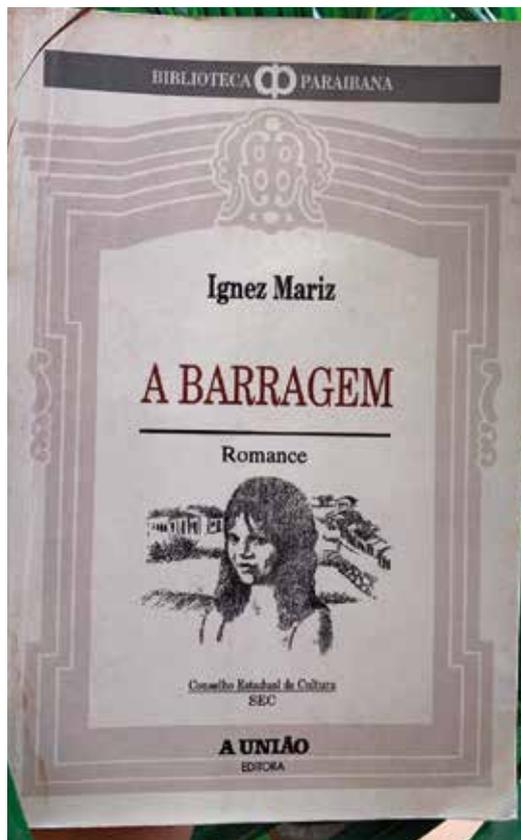


IMAGEM: ARQUIVO A UNIÃO

tada de sólidas qualidades de escritora e romancista, essa senhora, que agora estreia com um romance passado no Nordeste, sacrificou o seu livro escolhendo um tema que está na moda, mas não nas suas cordas. É verdade que a senhora se deve sempre perdoar o quererem seguir a moda, ainda que literária” (apud BUENO, 2006, p. 412).

Como podemos observar, o critério estético é levado em consideração na afirmação do crítico no trecho “dotada de sólidas qualidades de escritora e romancista”. Porém, isso não é suficiente para o sucesso de uma obra. Na visão do articulista, a autora se prejudicou por “escolher um tema que estava na moda”. Ele esquece que Ignez Mariz, assim como tantos outros escritores desse período, não estava alheia às questões sociais que lhes rodeava; o crescente desenvolvimento industrial e econômico do país ocasionou o surgimento da classe proletária, que, assim como outros segmentos da sociedade, serviu de matéria-prima para o enredo de várias

obras. Então, questionamos aqui até que ponto abordar a classe trabalhadora que construiu a barragem na região da cidade de Sousa, no alto-sertão paraibano, foi realmente escolhida.

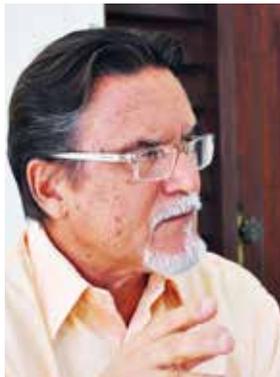
Outro detalhe que deve ser exposto aqui, diz respeito à última frase do comentário de Octávio Souza acerca do romance da paraibana (“É verdade que a senhora se deve sempre perdoar o quererem seguir a moda, ainda que literária”). Há um evidente machismo, disfarçado de ironia, ao relacionar a moda ao universo feminino, sugerindo que as mulheres são vítimas de modas e, por isso, merecem perdão. Trata-se, portanto, de uma visão preconceituosa e machista, revelando que o discurso de tal crítico mostra uma parcialidade em favor da figura masculina, comprovando que faltavam mais seriedade e imparcialidade nas questões de gênero na atividade da crítica literárias desse período e, provavelmente, de períodos mais recentes também (em trabalho anterior analisei a pouca presença de autoras paraibanas em livros de crítica literária).

Esse tipo de apreciação realizada pelo crítico supracitado merece ser relativizado, uma vez que o tipo de obra que se opõe às características dessas obras que não obtiveram renome representa o que os críticos julgam como “dignas” de sucesso. E esse tipo de julgamento implica também em atitude política, pois o crítico, ao elogiar ou condenar um livro, está revelando suas bases ideológicas em relação à literatura e ao seu contexto sociocultural.

Assim, para encerrar por ora, as questões mencionadas no início dessa seção reforçam o poder exercido por diversos escri-

tores pelo simples fato de serem do sexo e gênero masculinos. Assim, questões de gênero ocupam um lugar fundamental na dinâmica social de manutenção do poder, uma vez que o sexo e o gênero de um indivíduo interferem decisivamente no lugar que ele ocupa no meio social. Dessa forma, essa estratégia foi responsável pela escamoteamento das mulheres no âmbito do mercado literário, não só enquanto escritoras, mas também enquanto livreiras, editoras e empreendedoras da área. Nesse sentido, a historiografia literária dita oficial e o cânone literário são invenções cujo estabelecimento revela formas de cooperação atuantes em favor de uma determinada ideologia.

José Campos Júnior pesquisa a literatura escrita por mulheres, sobretudo as autoras paraibanas. Atualmente, é professor do Ensino Médio em Campina Grande (PB).



Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

 **CONVIVÊNCIA CRÍTICA**

Tarcísio Pereira: Entre o romance e a história

Wilson Martins, no primeiro volume de seus *Pontos de Vista*, em artigo acerca do romance histórico, afirma, a seu modo irônico e taxativo, que este é “um gênero bastardo e contraditório”. Gênero, por assim dizer, de “natureza dúbia”, anfíbia, falaciosa, no qual, e quase sempre, colidem as verdades factuais com as verdades verossímeis. Dito de outra forma, o que é real nem sempre se converte em configuração estética, e o que é configuração estética, não raro, sucumbe aos imperativos do real.

Para subsidiar seu pensamento, o crítico paranaense recorre a um de seus mestres franceses, Brunetière, citando-o, nestes termos: “O que é um romance histórico? Alguma coisa que não será nem romance nem história, ou, antes, que será história quando procurarmos o romance, e que se transformará em romance quando procurarmos a história”.

Um e outro, portanto, parecem não acreditar no potencial literário e artístico do gênero, embora se saiba da existência de obras deste jaez, em que o equilíbrio criativo entre o dado histórico e o apelo estético se consuma de acordo com os mais rígidos princípios da ordem literária, inclusive, adensando a

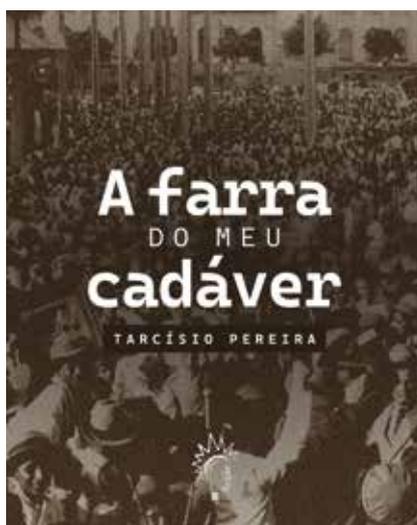


IMAGEM: ARQUIVO A UNIÃO

Literatura e história se encontram no novo livro de Tarcísio Pereira, porém a liberdade de uma não adulta, nem escamoteia, os limites da outra

matéria histórica e elastecendo o horizonte de expectativa do leitor. Um romance, como *Guerra e Paz*, de Tolstói, centrado nos episódios históricos das guerras napoleônicas, não deixa de ser um exemplo que foge à determinação da regra. Assim como, entre tantos, *A Guerra do Fim do Mundo*, de Mário Vargas Llosa; *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo; *Getúlio*, de Juremir Machado da Silva, e *Agosto*, de Rubem Fonseca.

Sei dos riscos que o ficcionista corre ao se debruçar sobre personagens ou acontecimentos históricos. É possível, sim, que a pressão dos fatos e a

força da realidade venham comprometer a liberdade de criação que, se pressupõe, deva constituir o epicentro dos movimentos imaginativos que conduzem o escritor na reconstrução de ambientes, episódios e criaturas, presentes na estrutura romanesca. Não discuto a lógica de cada paradigma. O romance é obra de ficção; a história é obra científica. Aquele tem, como elemento singular, a verossimilhança, ou seja, o que é viável nos parâmetros da coesão e coerência artísticas em âmbito narrativo; esta, a veracidade factual. Investigada, testada, interpretada e comprovada a partir de métodos racionais e de pressupostos científicos. Como encontrar, assim, a simetria ideal entre postulados tão diferentes?

Não tenho outra resposta que não seja o talento do autor. Sua capacidade de elocução, sem a qual não se faz literatura, associada, sobretudo em se tratando do romance histórico, à capacidade de pesquisa, ao senso de observação, à intuição exegética e, especialmente, ao timbre e ao tom especiais da narrativa romanesca. Desde já alerta: não confundir romance histórico com história romançada!

É o mais novo romance do sertanejo de Pombal (PB), Tarcísio Pereira, *A Farra do Meu*

Cadáver (Guaratinguetá, SP: Pernalux, 2023), que me leva a fazer tais reflexões, ciente de que este seu mais recente intento, no terreno da ficção, pode ilustrar muito bem o difícil e raro encontro da literatura com a história, uma vez que, nas suas páginas e capítulos, a liberdade de uma não adúltera nem escamoteia os limites da outra, assim como a outra (a história) não estreita nem corta a fantasia criadora de uma (a literatura).

O romance narra o insólito périplo de João Pessoa, já morto, durante 14 dias, por diversas capitais do país até chegar ao Rio de Janeiro, onde será sepultado. A voz do discurso narrativo, em primeira pessoa, é a do próprio morto, à semelhança de Brás Cubas, nas suas “Memórias” e do narrador de *Agonia na tumba*, seu primeiro romance,

de 1993. Morto e dentro de um caixão. O ponto de vista está colado, por conseguinte, ao olhar deste personagem central, corporificando, assim, a “visão com” de que fala Jean Pouillon, em *O tempo no romance*, conquanto outras vozes e outros olhares apareçam, deslocando e flexibilizando o sinuoso movimento da narrativa. É o caso, por exemplo, de João Dantas, espécie de coprotagonista, que, nos constantes e recorrentes diálogos com João Pessoa, traz à tona sua versão dos fatos e os motivos do crime. O pano de fundo reside nos dias tumultuosos que precedem a Revolução de 30, e as personagens e as componentes históricas compõem através, não somente dos diálogos travados entre vítima e assassino, mas também por intermédio das vozes dos outros personagens, reais e ficcionais, secundários e figurantes.

Se o contexto histórico se entremostra, em seus conflitos e contradições, documentado pelo esforço de uma pesquisa minuciosa e, no entanto, aberta, a situação dos personagens, em particular, dos dois João, materializa o andamento dramático da fabulação. Produtos de uma ambiência histórica demarcada pelo traço trágico, ambos se desvelam no plano mais íntimo e humano de sua sensibilidade. O recorte subjetivo dá a tônica da narração, e João Pessoa e João Dantas, num gradual e insistente duelo verbal, expõem suas fragilidades, mesquinhas, ódios e rancores, como se encenassem, entre toscos presságios e fatídicos sinais, a tragédia incontornável de seus respectivos destinos.

Diria que certas incidências míticas, principalmente em torno de João Pessoa, são como que desconstruídas, na medida em que, mais que o personagem histórico revestido com a aura de mártir, líder e



FOTO: TARSILIA FARIAS/DIVULGAÇÃO

herói de uma revolução da qual não participou, projeta-se, no tecido ficcional, a figura do homem, da criatura humana, trespassada pelo sofrimento íntimo, pela vulnerabilidade, desgostos, anseios, expectativas e desamparo. É exatamente aqui que intervém, com sua argúcia analítica e sua livre imaginação, a palavra do romancista, detectando certas zonas obscuras a que nenhum historiador teria acesso, isto é, essa região complexa e convulsa em que se desenvolve a odisséia da condição humana.

A propósito, João Pessoa não seria João Pessoa, sem João Dantas. João Dantas, nada seria, sem João Pessoa. Isto, na história, mas também no romance. O elemento real, na sua dimensão sociológica e política, se converte em virtualidade estética, no plano da expressão literária, exatamente pelo vigor e pela propriedade da construção dialógica. O que é externo se internaliza sob os ditames da prioridade artística. Os diálogos, se não são reais, são verossímeis, e talvez respondam melhor que qualquer outro ingrediente do universo romanesco (tempo, espaço, tema, enredo, trama etc.) pelo viés de sua literariedade.

Gonzaga Rodrigues vê, em *A farra do meu cadáver*, algo

Tarcísio Pereira, autor de ‘A farra do meu cadáver’: incidências míticas em torno de João Pessoa são desconstruídas, na medida em que projeta-se, no tecido ficcional, a figura do homem, trespassada pelo sofrimento íntimo

do realismo mágico dos escritores latino-americanos, e W. J. Solha acentua sua marca cinematográfica. Creio que ambos têm razão. Se, por um lado, os capítulos iniciais criam certa atmosfera de ansiedade em torno da viagem de João Pessoa a Recife, como se fora uma espécie de “crônica de uma morte anunciada”, os cortes abruptos, o cotejo das ações externas e internas, a cadência narrativa, as cenas, as sequências, as montagens, por outro, aproximam o romance do teatro e do cinema. Quem sabe, por trás do escritor, não se esconda precisamente o dramaturgo.



FOTO: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Romance narra o periplo de João Pessoa, já morto, até chegar ao Rio de Janeiro para ser sepultado

Vejo nesta obra, não obstante, algo, talvez, mais surpreendente. Vejo a fusão, de certo somente possível na larga esfera do romance, mesmo em se tratando de um romance histórico. Vejo a mescla da épica, do drama e do lírico. A épica abre espaço para o horizonte histórico, para os embates políticos, para o cenário onde as ações se desenrolam e os atores se digladiam; o drama se irradia a partir da cena fatídica do crime na Confeitaria Glória e, principalmente, na distribuição dos diálogos; o lírico, por sua vez, subsiste na energia emotiva de certas passagens, no clamor ardente de certas construções estilísticas e, em especial, em toda tessitura do último capítulo, “As cinzas”, que funciona como epílogo.

O ano agora é o de 1998, dia 26 de julho. Um salto no tem-

po. As cinzas do Presidente João Pessoa voltam à capital paraibana para serem colocadas na cripta real do Palácio do Governo. Nem mesmo nesse momento solene de saudosas homenagens, João Pessoa se livra da presença incômoda, fantasmática e imperiosa de João Dantas. Mais um diálogo se costura na recomposição do passado, selando uma estranha dialética que os une, definitivamente, na vida e na história. “E tu, que tiveste a fraqueza de me abater”, diz João Pessoa, “és o principal responsável pela minha glória”. Ao que replica João Dantas: “Que seria você, se não fosse eu?”.

O professor da UFPB, Dinarte Varela Bezerra, em seu livro *1930: a Paraíba e o inconsciente político da revolução*, elenca alguns romances focados naqueles acontecimentos históricos. Fala de *Fretana*, de Carlos Dias Fernandes; *Seara de Caim*, de Rosalina Coelho Lisboa; *A mansão da praça Bela Vista*, de Carmen Coelho de Miranda Freire; *Tempo de vingança*, de Virgínius da Gama e Melo; *O chamado da terra*, de Fernando Silveira; *O dia dos cachorros*, de Aldo Lopes de Araújo; *Boa terra de ódios*, de Paulo Fernando Craveiro; *Roliúde*, de Homero Fonseca; *Concerto para paixão e desatino*, de Moacir Japiassu; *A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* e *História do rei degolado nas caatingas do sertão*, de Ariano Suassuna; *Zé Américo foi príncese no trono da monarquia* e *Skake-up*, de W. J. Solha.

Em cada um deles, procura deslindar as resoluções e os impasses romanescos diante dos episódios históricos, contribuindo, assim, para uma melhor compreensão dos seus bastidores e das suas repercussões advindas da intuição e da sutileza do olhar literário. Pois, a literatura, se não expressa efetivamente o que a narrativa histórica se propõe, isto é, o que acontece

no terreno da realidade, expressa, contudo, como leciona Aristóteles, na *Poética*, o que poderia ter acontecido ou o que poderia acontecer.

Pois bem. Se o professor Dinarte Varela, um dia, retomar o seu rico e indispensável estudo, uma vez que toda pesquisa é infinita, deverá, sob pena de cometer omissão indesculpável, inserir, na tradição desses romances históricos, o belo, pungente e bem realizado romance de Tarcísio Pereira.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu à pena'. Mora em João Pessoa (PB).

Rony Santos

P O E

A pedrada

Os cachorros se cruzam na calçada.
Do prazer à tortura pela pedrada,
vindas de mãos infantis
pela memória ora resgatada.

Assombração

Daquela casa em ruínas,
solitária lá nas Trincheiras,
rua que guarda histórias verdadeiras
dentro do espaço de opacas resinas,
grita barulho de correntes obreiras.

Cá fora, um olhar arregalado na calçada;
dentro da casa, assombração agalopada.

A rosa

A fragilidade da rosa
perfurou a calçada
num tempo destroçado.

Botou cor no cimento,
mostrou-se, em delicadas pálpebras,
pétalas avermelhadas,
onduladas,
como olho a olhar a madrugada.

Assentada na sépala,
espalhou aroma adocicado,
equilibrou-se no receptáculo:
imagem tênue entre o chão e o ar.
Protegeu-se com espinhos,
queria apenas ser apreciada
e se mostrou para o nada.

Não foi fotografada
nem tão pouco elogiada.
Mal nasceu, foi pisoteada
pela ignorância avessa à beleza
que endurece a cidade e as almas.

Um sapato a esmagou e continuou,
levou o orvalho como lágrimas
da rosa que nem teve a chance de ser roubada.



S I A

Das calçadas históricas

Descendo da calçada,
meus pés amassam
urdiduras galgadas nas pedras.
Pedras olvidadas da Cidade Velha;
e no afã da modernidade,
engolidas mais que depressa.

Piso com cuidado nas memórias
tingidas por sangue de batalhas.
Há um quê de amargo nelas,
há um silêncio fixado em cada pedra.

Meus olhos se encantam com o vermelho da rosa que,
drumonianamente, sai do meio do verde lodo do tempo da pedra.

É enfeite sobre uma dor exaurida.

Preciso alimentar minhas retinas
com essa beleza que a natureza pintou,
antes que coturnos pisem nela,
antes que um gado a coma,
antes que um carro burguês a esmague...
antes que a História se apague.

Ronilson Ferreira dos Santos é professor e poeta. Tem poemas publicados em diversas antologias, como 'Engenho Arretado' (Patuá, 2018); 'Corpo e Alma' (CBJE, 2021) e na Coletânea Prêmio Off Flip 2022 – Poesia (lançada pelo Selo Off Flip Paraty), entre outras. "(Re) Verso da Palavra" é o seu primeiro livro solo, publicado pela Arribaça em 2023. Natural de João Pessoa, reside em Bayeux, ambas na Paraíba.





Não sei o que é amar

Tem uma frase da Livia Garcia-Roza que diz: “Se um sujeito não é capaz de se angustiar, ele ainda não é um sujeito”. Para a gramática, sujeito é um termo essencial da oração, aquele sobre o qual se declara alguma coisa. Na psicanálise, o sujeito, que é único, também declara. E essa declaração é sobre si mesmo. O que você sabe ou pode declarar sobre sua pessoa única e singular?

Essa frase de Livia me remete ao saber sobre si, um saber que está posto no inconsciente e ainda não se sabe exatamente o que. Afinal, nem todo mundo tem coragem de sair da alienação e se descobrir num processo analítico. Eu me arrisco, já faz alguns anos, sim todo psicólogo deve passar por um processo terapêutico, não existe um profissional dessa área apenas com teoria, a análise é fundamental, ou melhor, essencial. Nesse lugar, descobri muitas coisas sobre mim. Na verdade, ando me descobrindo muito ultimamente.

Uma descoberta recente é que não sou romântica. Tenho todas as ferramentas para ser, mas não sou. Os românticos sonham e fazem poesia com o que lhes afetam. Seguem cheios de planos fabulosos. E se rendem às fantasias; podem até não as executar, mas seguem deixando seu rastro.

Quando Bebe de Natércio afirma: “Minha felicidade vai usar o teu vestido”, ele descreve, como poucos, o movimento de um casal que observou, durante certo período, com seu olhar poético. É impagável esse olhar. Mesmo sabendo que nem todo poeta é sensível e que nem toda sensibilidade vem de um poeta. Minha impressão é que a sensibilidade vem da capacidade de amar e até de odiar. O ódio encobre o amor falido.

E esse amor que os poetas descrevem e que se derrama em seus versos é raridade no mundo contemporâneo. Pouca gente sabe o que é amor. Eu não sei amar, e como poderia saber, vivendo num tempo em que fingir é a grande sacada? Como vestir a felicidade de quem nem roupa usa? O sujeito nu: eis o que temos espalhado pelo mundo. Nudez de sentimentos profundos, de ideologias, de bem querer. O chique é não se apegar a nada. Consideração virou receita de meu avô. Até o amor fraterno anda escasso. Por isso, confesso que não sei amar. E nem quero. Decidi, como por decreto, esquecer essa conversa de amor.

Certo dia fui surpreendida pelo amigo Leo Barbosa, inventando que eu sabia escrever sobre o nobre afeto. Afirmou que me via como uma mulher que entende de amor. E me pediu para prefaciar seu próximo livro de poesia, intitulado *(A)temporal*. Mas eu não entendo nada de poesia, relatei. Mas tem sensibilidade, ele retrucou. Sem saída, aceitei. O que não fazemos por um amigo? Sim, eu sigo a cartilha de meu avô, que ensinou direitinho como é importante considerar a quem queremos bem. Mas, repito: eu não sei o que é amar.

Li os poemas de Leo várias vezes. E novamente me deparo com outro romântico. Outro poeta que declama sua verdade sobre amor e tempo. Ou o tempo do amor. E eu que não sei o que é amar, vibrei com seus versos. Me reconheci em alguns, o livro é belo.

No final, me senti entusiasmada em poder escrever sobre a poesia de alguém que admiro tanto. Gosto de comprometimento. Sou adepta às cortesias. Me preocupo genuinamente com os que entram em minha vida. Curto as vitórias dos amigos, ajudo no que posso. E até consigo calar diante dos insolentes, e esses são tantos. Mas não sei o que é amar. Talvez quem ame receba muito pouco em troca e eu sempre quero mais. Também reflito: ser uma pessoa boa é sinônimo de aguentar pressão e nunca estar feliz, afinal nunca se agrada a todos. Sendo assim, também descobri que não quero ser boazinha. Porque exercer bondade é dar a cara à tapa. Talvez tenha lá um tiquinho de masoquismo na bondade ou puro gozo, como diria Freud. Acho que preciso de mais análise.

Penso que preciso elaborar melhor minha confusão de afetos. Acabo de lembrar que preciso abraçar mais os amigos. Comungar mais com a família, que mesmo tendo lá seus defeitos é minha e ninguém me toma. Quero viver para ver minha filha brilhar cada vez mais e melhor. Quero ser um sujeito que se implica mais e mais em sua própria existência. Espero viver para ver menos ou nada de crianças pedindo esmolas e adultos perdendo a dignidade. Quero fazer literatura e escrever poesia. Espero conseguir criar mais gatos. E não me importar tanto em agradar os que não somam em minha existência.

Mas eu não sei o que é amar.



Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa (PB).

Ludmila Saharovsky

TESSITURA

Se já te envolvem
As tramas desta teia
E te aprisiona a mim
O invisível visgo
Desta tessitura.
Não tens com fugir.
Silencia pois e ouve apenas
O cântico de amor que preparei
Para o momento de usufruir-te.

TELÚRICA

Termal
Terrena
Terna
No solo fértil do teu corpo
Eu me debruço
E me entrego
Ao impulso cúmplice
À fúria deste jogo
Que nos transforma
Em animais vorazes
E o amor brota entre gravetos,
Pedras, seixos, prados
Enquanto o fogo
Nos consome as entranhas
E queima sem palavras

TERMINAL

Neste porto onde atracas
Exausto de tantas viagens
Não te esperam Amélias
Nem Penélopes
Nem Marias.
Te aguardo, eu
Com meus recôncavos e baías
Minhas dunas e enseadas
Para que lances âncora
E descanses
Apenas.

BÉLICA

Teu corpo sobre o meu
Tem o domínio de punhais,
Facas, sabres, lanças, setas,
Adagas, cimitarras
Que aniquilam minhas de-
fesas
E te permitem a conquista
derradeira.

FOGO FÁTUO

Voraz este teu corpo abrasado
Penetrando viril
Pelos meus flancos
Veloz adaga
Feroz urtiga
que me invade
me queima
e me embriaga.

MATURAÇÃO

Não deixes
Que a tarde te embriague
Deste desejo
Cheio de promessas
De infindáveis primaveras.
Embriaga-te de mim
E dos frutos maduros
Que te ofereço.
Pra ti me faço vinho
Neste outono
E escorro por teu corpo
Feito mel.



Ludmila Saharovsky, filha de pais russos, nasceu em um campo de refugiados do regime stalinista na Áustria, isso na metade do século passado. Veio para o Brasil ainda criança na condição de apátrida conseguindo a nacionalidade brasileira apenas na adolescência. Foi alfabetizada em russo. É poetisa, cronista, dramaturga e tradutora com diversas obras publicadas. Reside atualmente em Jacareí (SP) é sócia da União Brasileira de Escritores – seção da Paraíba.



TRADUZINDO SÉRGIO DE CASTRO PINTO (II)

Na coluna de fevereiro de 2023, apresentei ao leitor traduções para o inglês de três poemas de Sérgio de Castro Pinto, constante de seu livro *Folha corrida* (São Paulo: Escrituras, 2017). Como expliquei, embora não tenha me profissionalizado no ramo, a tradução foi sempre para mim um exercício fascinante.

Nesta edição, volto à Sérgio de Castro Pinto com mais uma versão para o inglês, desta vez do poema 'Noturnos'. Confira:

noturnos

a)
nas franjas da infância
ensaquei meus sonhos.

hoje, ensaco pesadelos.

e a cada noite
- mais do que a cabeça –
pesa-me o travesseiro.

b)
com receio do dia
e sua chama
ou do olho aceso
de minha insônia,
reboco a noite
com o mesmo cuidado
de quem transporta
um barril de pólvora
no paiol do quarto.

c)
nenhuma ovelha
pula a cerca
da minha insônia.

abato a todas.

e quanto à lã,
serve de enchimento
para o travesseiro.

serve
- a cada manhã –
para travestir-me
de cordeiro.

d)
o meu feudo:
a insônia
e seus carneiros.

o meu hábito têxtil:
desfiar a lã
desses carneiros
e a cada manhã
enredar-me no fio
de mil novelos

para – com a garra do lobo
que em mim faz pernoite –
tecer com essa lã
o meu pulôver;

o mesmo que me leva
ao dia e seus açougues.

nocturnal

a)
in the pillowcases of childhood
i packed my dreams.

now, i pack nightmares.

and each night
- instead of my head –
the pillow overweighs.

b)
fearing the day
and its flame
or the alight eye
of my insomnia,
i tow the night
with the same caution

of one who carries
a gunpowder barrel
through the bunker of the bedroom.

c)
no sheep
jumps over the fence
of my insomnia.

i shoot them all.

and as to the wool,
it serves to fill up
the pillow.

it serves
- each morning –
to crossdress me
as a lamb.

d)
my feud:
the insomnia
and its lambs.

my textile habit:
to unravel the wool
of these lambs
and each morning
entangle myself in the thread
of a thousand hanks

so that – with the claws of the wolf
that overnights within me –
i may with this wool weave
my pullover

the same that leads me
to the day and its slaughterhouses.

O GENIAL AVÔ E OS TALENTOSOS TIOS DE PEDRO AMÉRICO

Thélio Queiroz Farias

Especial para o Correio das Artes

Paraibano de Areia, Pedro Américo de Figueiredo Melo (1843-1905) foi o maior artista brasileiro do século XIX e um dos maiores de todos os tempos, além de, na minha ótica, ser o maior paraibano da história, não só por sua obra pictórica de relevância indiscutível – tanto que muitos consideram o quadro “Independência ou Morte!” como a certidão de nascimento do Brasil independente – como também por ter sido romancista, poeta, arquiteto, arqueólogo, sociólogo, professor, filósofo, caricaturista, doutor, ecologista, político, parlamentar, dentre outras facetas, que tive oportunidade de detalhar no livro que escrevi, intitulado “Além do Ipiranga a extraordinária vida de Pedro Américo e suas incríveis facetas”, editado pela CEPE e A União.

Um personagem familiar, no entanto, praticamente esquecido na atualidade, merece receber luzes, por ter exercido grande influência e ser o maior ídolo do paraibano Pedro Américo: seu avô paterno Manoel de Christo Grangeiro de Melo.

A família paterna de Pedro Américo possui origem pernambucana. Seus avós paternos eram da cidade de Bom Jardim, localizado no Agreste do vizinho Estado de Pernambuco, cuja freguesia foi criada em 29 de dezembro de 1757. Bom Jardim, com altitude que varia de 650 a 1.000 metros, situa-se no Planalto da Borborema, sempre tendo, por sua localização, uma intensa ligação com a Paraíba, cuja fronteira dista pouco mais de dez quilômetros. No ápice do ciclo do algodão, o chamado “ouro branco”, vários mercadores da cidade de Bom Jardim amealharam fortunas negociando algodão bruto em Campina Grande e vendendo para beneficiadores ou exportadores de algodão na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco. Muitos dos atuais moradores da cidade Rainha da Borborema possuem origem ou descendência de Bom Jardim e de outras cidades dessa região pernambucana da região, como Limoeiro e Macaparana. De Macaparana veio residir em Campina Grande, o cantor, ator, compositor e radialista Rosil Cavalcanti (1915 – 1968), autor de músicas como “Tropeiros da Borborema”, “Sebastiana”, “Na base da Chinela”, entre outros. Rosil era conhecido como “o mais paraibano dos pernambucanos”.

O avô paterno de Pedro Américo, Manoel de Christo Grangeiro de Melo, contraiu matrimônio em Bom Jardim, no ano de 1802, com Ana Francisca Xavier de Figueiredo. O casal teve seis filhos: Inês Grangeiro Figueiredo de Melo (1804), Maria Grangeiro de Mello, Canuta Francisca de Melo (1810), Daniel Eduardo de Figueiredo e Mello (1811), Paula Petronila Grangeiro de Melo (1813) e Zeferino Aureliano Grangeiro de Melo (1816). Todos nasceram em Bom Jardim, exceto Zeferino e Daniel Eduardo que vieram ao mundo na cidade vizinha de Limoeiro. Do casal ainda nasceram dois outros filhos em 1814 e 1815, que faleceram poucos dias após o início da vida. Daniel Eduardo viria a ser, aos trinta e dois anos da idade, o pai de Pedro Américo.

De personalidade dócil, e muito emotivo, Manoel de Christo era um músico famoso, maestro consagrado e respeitado compositor. Criou e manteve, por toda sua existência, uma orquestra que tocava em inúmeras cidades do Nordeste, notadamente nas tradicionais festas de padroeiras das Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A orquestra de Manoel de Christo chegou a tocar na cidade de Salvador, na festa da Padroeira da Bahia, Nossa Senhora da Conceição da Praia.

Domingos de Azevedo Ribeiro lembra que

“Manoel de Cristo tinha a fama de ser o mais destacado regente de orquestra e coro do Nordeste, talvez pela presença e pela continuidade de seu conjunto instrumental, que abrihantava as festas das mais longínquas localidades interioranas, situadas no âmbito da região, além da Festa das Neves, na Capital paraibana, do Carmo, Padroeira do Recife e N. Senhora da Conceição, em Natal.”¹

Várias composições de músicas sacras, novenas, polcas e marchinhas, são de autoria de Manoel de Christo Grangeiro de Melo², que, além de maestro, também tocava diversos instrumentos musicais, tendo ensinado seus filhos a amar a música, como o pai de Pedro Américo, Daniel Eduardo, que era exímio tocador de violão e viola. Manoel de Christo também conhecia profundamente as composições clássicas de autores como Ludwig van Beethoven, Joseph Haydn, Antonio Vivaldi, Wolfgang Amadeus Mozart, dentre outros.

O próprio Pedro Américo, no romance “Amor D’Esposo”, publicado no ano de 1886, obra com muitas reminiscências autobiográficas, falou sobre o seu avô, a quem tanto admirava:

“Manoel de Christo era um pernambucano conhecido em toda a sua província natal, na província da Parahyba, nas do Rio Grande do Norte, do Ceará, e ainda em outras, pelo seu grande talento de compositor de música sacra, pela sua coragem, pelas suas idéas adiantadas, pelos seus serviços á causa publica, pelas suas innumerables relações com os homens summos do paiz, por numerosos acontecimentos sociaes e políticos a que ligara o próprio nome, e, finalmente, por todos os dotes que exornavam a sua grande alma de artistas e patriota.”³

Prossegue o neto renomado, falando sobre o avô Manoel de Christo:

“Era tal a magia do seu nome, que festa não abrilhantada pela orchestra, ou simplesmente pela presença de Manoel de Christo, não era festa: parecia que lhe faltava a primeira condição de existência, isto é, a acção de um astro vivificador, de um príncipe em torno do qual houvesse uma corte, e os jubilos que desperta as radiações de um gênio em todo o esplendor da sua glória”.⁴

Anota ainda Pedro Américo, um fato curioso da vida do seu ascendente Manoel de Christo ocorrido na cidade de Itabaiana:

“Conta-se que um dia em que Manoel de Christo havia chegado com sua orchestra á villa de Itabaiana, onde pela primeira vez devia abrilhantar as novenas de Nossa Senhora, que ali se celebravam com extraordinario aparato, os presos de uma cadeia visinha á casa em que se hospedara o grande mestre revoltaram-se, gritando em altas vozes que queriam vingarse das injustiças sofridas durante o tempo que ali estavam; e já começavam a arrombar as paredes do edificio quando, apresentando-se-lhes o comandante da guarda e sucessivamente o sub-delegado e o juiz de direito da comarca, para os convencerem da conveniência de se aquietarem, eles lhes responderam que a ninguém se renderiam se antes da noite não fossem soltos e declarados livres de toda a imputação.

Apenas soube do motivo daquela vozeria ameaçadora mandou Manoel de Christo formar a orchestra e tocar duas os três simphonias de sua invenção. Todos aquelles homens de má catadura ente os quaes havia muito facinorosos conhecidos por irreduzíveis, pozeram-se como encantados a ouvir o som dos instrumentos com uma atenção cheia de pasmo; e quando a musica parou declararam, que punham o seu destinos nas mãos daquele que lhes havia feito prover no inferno do cárcere os extasis do céu.

De feito, d’ahi a duas horas os verdadeiros criminosos estavam separados dos inocentes; e estes, postos em liberdade por conselho de Manoel de Christo, proclamavam-no juntos ao povo, que já o amava sem o conhecer pessoalmente, juiz supremo das contendas publicas pelo tempo em que se demorasse em Itabaiana.”⁵

Conta ainda Américo outro episódio interessante da vida de seu avô paterno:

“Outra vez os habitantes do extremo occidental da província da Parahyba se levantaram contra uma lei nova acerca do recenseamento da popula-

ção, que reputavam um meio disfarçado e pérfido de os escravizar. Mandadas as forças disponíveis do Governo para combaterem os amotinados, por toda a parte começavam a ser batidas, quando Manoel de Christo arrogou a si o direito de os apaziguar. Montou a cavallo, dirigiu-se sem uma arma nem um único companheiro para os pontos mais revolucionados, e em menos de quinze dias, com a magia da sua pessoa e as seducções da sua persuasiva palavra, tranquilizou completamente uma reunião imensa, habitada por um povo inculto e indomável!”⁶

Interessante que foi Manoel de Christo quem escolheu se mudar para Areia e para a Paraíba. O avô de Pedro Américo conhecia inúmeras urbes, tendo tido a oportunidade de conhecer a Vila Real do Brejo de Areia. Em virtude do clima serrano da cidade e numa tentativa de obter uma melhora para a saúde da esposa, ou ao menos proporcionar dias melhores para Ana Francisca Xavier de Figueiredo, que sofria de problemas respiratórios, Manoel de Christo se transferiu, com toda a família, do vizinho Estado de Pernambuco para Areia, por volta do ano de 1820.

Mesmo diante do clima mais favorável escolhido para anemizar seu problema de saúde, Ana Francisca Xavier de Figueiredo veio a falecer e, Manoel de Christo Grangeiro de Melo casou em segundas núpcias em Campina Grande, com Ana Joaquina Cândida de Lima, no ano de 1827, ela natural da cidade, tendo como testemunha do casório o subprefeito da vila José Alves Casado Bittencourt. Do segundo casamento, o avô de Pedro Américo gerou os seguintes filhos: Claudina Joaquina de Albuquerque Mello, conhecida como “Dondon”, nascida em 1818; Maria do Rosário Brasileira de Mello, chamada da “Bahia”, também nascida em Areia, no ano de 1830; e Tristão Grangeiro de Melo, que veio ao mundo na cidade de Santana dos Matos em 1832, conhecida atualmente como o “coração do Rio Grande do Norte”, por se encontrar no ponto exato que determina o centro do estado potiguar. “Dondon” e “Bahia” seriam as tias prediletas de Pedro Américo, tendo ele se correspondido por toda a vida com as mesmas.



Tristão Grangeiro, desenhado pelo sobrinho Aurélio

Em Areia, Manoel de Christo encontrou o ambiente ideal para realização artística, e sempre se reunia em sua “casa para os costumeiros ensaios de sua orchestra e coro, nos quais lecionava, aos integrantes, teoria e solfejo, aprendizagem instrumental e técnica vocal”⁷. Sua orchestra, que se apresentou nas principais festividades de vários estados nordestinos, chegou a ter quarenta membros, além mezosopranos, papéis normalmente exercido pelas filhas, tias de Pedro Américo. Além da orchestra, Manoel de Christo possuía na cidade uma escola de música e canto. “A história da música, em Areia, começa com Manoel de Cristo Grangeiro e Melo, avô de Pedro Américo”⁸, como bem observou Domingos de Azevedo Ribeiro, na obra ‘Pedro Américo e a Música’, iniciando uma tradição musical que ainda se perpetua na cidade do Brejo paraibano.

Só do lado paterno, Pedro Américo tinha 8 (oito) tios. Dos tios, Pedro Américo foi aluno da tia Maria do Rosário Brasileira de Mello, que foi a segunda professora pública de



IMAGEM: DOMINGOS SÁVIO/A UNIÃO

Retrato do maestro
Manoel de Christo

Areia, após aposentadoria de Dona Ana Umbelina Cavalcante Chaves. Além de tocar violino e violão de forma admirável, possuía uma voz de soprano. A tia Maria do Rosário, apelidada de “Bahia”, era extremamente rigorosa em sua didática, recorrendo a “palmatória” para os que não cumprissem suas obrigações escolares, incluindo o sobrinho. Um fato interessante é que, quando da explosão da Guerra do Paraguai, a tia “Bahia” encaminhou ofício ao então Presidente da Província da Paraíba, Sinval Odorico de Moura⁹, em 11 de março de 1865, pedindo que parte dos seus vencimentos do magistério fossem descontados em favor do esforço de guerra, tendo o governante da Paraíba se surpreendido com o gesto de patriotismo, encaminhando documento onde consta que “*por esse ato se fez Vm-cê superiora a todo elogio*”¹⁰

Outro tio, Tristão Grangeiro de Almeida e Mello, veio a ser Intendente Municipal, cargo equivalente ao de Prefeito Municipal. Tristão, foi o responsável pela construção de um banheiro público no local chamado “O Quebra”¹¹, onde existiam quatro fontes para abastecimento da população de água potável. A construção da obra pública foi iniciada sem qualquer recurso público, auxiliado por particulares e inaugurada em 1º de janeiro de 1886. A obra foi considerada extremamente avançada para a época e na inauguração houve uma grande festa sob o comando dos músicos da família de Pedro Américo. Por ironia do destino, por ter passado todo o dia regendo a orquestra e banhando-se no “Quebra”, Tristão Grangeiro de Almeida e Mello contraiu pneumonia e veio a falecer quinze dias depois da grande festa de inauguração, como notícia o livro n. 37 (de 1881 a 1887), óbito n. 13, da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Areia: “*Aos quinze de janeiro de mil oitocentos e oitenta e seis faleceu de pneumonia nesta cidade Tristão Grangeiro de Almeida Mello, de pneumonia, nesta cidade.*”¹²

O pitoresco local ainda existe, tendo sido restaurado e, ao seu lado, construído uma quadra de esportes. Tristão, de espírito alegre e boêmio, era maestro, ator, poeta e músico como o pai, compondo inúmeras valsas, dobrados, quadrilhas, modinhas e novelas. Tocava violão e tinha voz de tenor. Participava de festas públicas e particulares, inclusive na residência (no Engenho Buraco) do genitor do futuro arcebispo da Parahyba, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques: “*A orquestra do velho Tristão, que vieira de Areia, atacou a quadrilha, com predomínio das notas graves e melancólicas de um clarinete – o clarinete de Francisco Bernardo – época 1882.*”¹³

O alegre Tristão também participava de peças teatrais como ator, fazia versos e compôs inúmeras valsas, marchas, dobrados, quadrilhas e novenas,

com destaque para as valsas “À Abolição”, “Não te ligo” e aos dobrados “Manoel da Silva”, “Os Bravos de Areia” e “Minueto de Nossa Senhora da Conceição”. Uma de suas composições, “Gigante de Pedra”, fez grande sucesso:

*“Lá naquele gigante de pedra
Que se diz corcovado chamar
Quero dar expansão ao meu pranto
Quero lá minhas mágoas chorar.*

*Lá mesmo irei esquecer-me
De quanto me odeia e maltrata
Da donzela que assim me despreza,
Da mulher que sorrindo me mata.*

*Minhas queixas envoltas com as nuvens
Subirão à etérea mansão
Pois na terra não acho um vivente
Que console o meu triste coração.*

*Quando a lua vier meia noite
Do gigante a face beijar
Compassiva de ouvir minhas mágoas
Lenitivo ao pranto hei de dar.*

*Deixarei na pobre choupana
O amigo extremoso, o meu lar
E descendo do mundo das coisas
Hei de minha existência findar.”¹⁴*

Uma interessante curiosidade é que, uma prima de Pedro Américo, Anna Francisca Xavier de Figueiredo, conhecida como “Dondon”, filha da tia mais velha Inês Grangeiro Figueiredo e Melo, casou com Bevenuto José Pessoa de Vasconcelos, nascendo deste casal Joana Francisca Figueiredo Pessoa de Vasconcelos (1852).

Joanna Francisca, por sua vez, se casaria com Alexandrino Felício Suassuna. O casal teve 10 (dez) filhos, dentre eles João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, que veio ao mundo em 19 de janeiro de 1886, que viria a ser Presidente da Província da Paraíba entre 1924 e 1928, findando por ser assassinado na capital federal em 9 de outubro de 1930 no exercício do mandato de Deputado Federal, em meio a efervescência dos acontecimentos da Revolução de 1930, após a morte do Presidente do Estado João Pessoa, que era adversário político da família. João Suassuna foi casado com Rita de Cássia Dantas Vilar Suassuna, de tradicional família da cidade de “Batalhão”, atual Taperoá.

Portanto, Ariano Suassuna¹⁵, o filho intelectual de João Suassuna, nascido no Palácio da Redenção, sede do governo da Paraíba, ainda é parente de Pedro Américo. Ariano tinha ciência do parentesco com Pedro Américo, conforme confirma em bilhete de agradecimento pela hospitalidade da pousada Villa Real datado de 19 de setembro de 2011, em Areia. No bilhete, Suassuna se equivoca, afirmando que sua bisavô era irmã de Daniel Eduardo, pai de Pedro Américo, quando da verdade era sobrinha e prima legítima do autor da “Batalha do Avai:

“Quero deixar consignada minha gratidão pelo carinho com que fomos tratados aqui, eu e minha família, por todo o pessoal da Pousada Vila Real. Já esperava isso, é verdade, porque é assim

que nos trata o povo paraibano. Mas aqui esse carinho foi todo especial, não sei se pelo fato de eu ter raízes em Areia: minha bisavô paterna Ana Francisca Xavier de Figueiredo, era irmã de Daniel de Figueiredo, pai de Pedro Américo.

Por isso, fiquem certos de que nunca mais esquecerei de vocês, de quem me despeço com saudade. Areia, 19.IX.2011. (ass.) Ariano Suassuna.¹⁶

Todos os seus tios e tias possuíam, em maior ou menor grau, dotes artísticos, especialmente relacionados a música. Paula Petronila de Figueiredo e Melo fazia parte da orquestra do seu pai Manoel de Christo Gangeiro de Mello, tendo falecido jovem. Após sua morte, todos os filhos passaram a participar da orquestra, não somente os filhos do primeiro matrimônio de Manoel de Christo, como ocorria até o óbito dessa tia.

A tia Claudina Joaquina de Albuquerque Melo, nascida em 10 de novembro de 1928, era “violonista de alentados méritos, era constantemente procurada pelas famílias areenses para acompanhar os serenateiros da cidade nos saraus domiciliares”¹⁷, possuía grande talento e foi a detentora do acervo das obras musicais do seu pai Manoel de Christo. Claudina e Maria do Rosário faleceram em Areia em idade avançada e na mais extrema pobreza.

Zeferino Aureliano de Figueiredo e Mello, nascido de 26 de agosto de 1816, tocava fabulosamente o clarinete, além de ter habilidade em vários outros instrumentos. Zeferino foi autor de duas ladainhas, além de um dobrado e pelo menos uma valsa. Tristão Grangeiro, já referido como Intendente de Areia (Prefeito), foi regente de orquestra como seu pai Manoel de Christo e, após o falecimento deste, passou a comandar a banda, fundando a Sociedade Phoenix Musical Areiense, da qual se originou a Bando Phoenix. O grupo musical ainda hoje existe, sendo intitulado de Filarmônica Abdon Felinto Milanez¹⁸, tendo completado 175 (cento e setenta e cinco) anos de fundação em 2022, uma das primeiras orquestras do Brasil. Zeferino faleceu em Escada, Estado de Pernambuco, a 15 de novembro de 1888, na qualidade de regente da banda local.

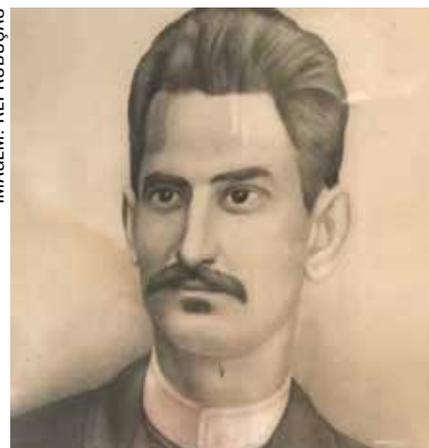
O avô de Pedro Américo, Manoel de Christo Grangeiro de Mello, viria a falecer em 1856, uma das primeiras vítimas da epidemia de *cholera morbus*, surto que matou milhares de pessoas na Paraíba¹⁹, relatado no excelente trabalho do professor Alarcon Agra do Ó, intitulado ‘Relatos de Males: Notas Acerca dos Modos de Adoecer na Paraíba Imperial’:

Ariano Suassuna em Areia, onde sempre evocava o parentesco com Pedro Américo



IMAGEM: EVANDRO PEREIRA/A UNIÃO

IMAGEM: REPRODUÇÃO



O poeta Rodolfo Pires de Melo, primo e amigo de Pedro Américo

“De todas as pestes que transtornavam a Paraíba no século XIX, a mais destacada foi a do cólera. Vindo do Pará, aportou aqui em 1856 e 1862 como o terrível morbus, moléstia em cujo nome já tinha escrito seu “caráter maligno”, e que se sabia “originária das margens do Ganges”, caracterizada por “manifestações de vômitos, diarreia, supressão da urina” e por matar o “doente em poucos dias” (ALMEIDA, 1978, vol 2:150; PINTO, 1977, vol. 2:242).²⁰

De todos os tios, Pedro Américo tinha uma predileção com tia Maria do Rosário Brasileira de Mello, a “Bahia”, que foi sua professora, e com a tia Claudina Joaquina de Albuquerque Mello, a “Dondon”, tendo mantido com as duas tias intensa correspondência epistolar, como lembra Tancredo Torres, no seu ótimo livro “Pedro Américo”, no qual reproduz cartas do pintor as tias, remetida de Florença em 25 de setembro de 1894, na qual o famoso areense confessa possuir “um bom retratinho da minha tia Dondon, e outro da minha tia Bahia – ambas cá estão sobre a mesa, entre as mais apreciadas da minha coleção”²¹.

O filho do tio Tristão, Rodolfo Pires de Melo, foi um dos melhores amigos de infância de Pedro Américo, tendo sido também músico, compositor, jornalista, ator e poeta. Tornou-se abolicionista radical e foi autor de vários hinos,

dentre eles o “Hino à Virgem da Conceição”, que recebeu letra de Cândido Fabrício do Espírito Santo. Por ser intransigente defensor da abolição dos escravos, Rodolfo foi perseguido pelo juiz de Areia, Dr. Gonçalo Paz de Azevedo Faro, que o demitiu da função pública. Como o magistrado dizia ser detentor da Ordem da Rosa e afirmava ser Comendador de Cristo, por determinação do imperador, o primo de Pedro Américo ironizou: “*Esse senhor não é de rosas nem de paz, tampouco de Cristo, e, quanto a Sua Majestade, continua agonizando*”²². Rodolfo manteve constante e intensa correspondência com Américo, tendo falecido em 28 de outubro de 1892, morte muito lamentada por primo Pedro Américo.

Como bem afirmou a sobrinha de Pedro Américo e bisneta de Manoel de Christo, a música Heloysa Figueiredo Cordovil, em seu livro “Aurélio de Figueiredo – Meu Pai”, “*a família Figueiredo... tinha na alma, no sangue e na pele, nos nervos, a arte. Ali, quem nascia não abria apenas os olhos para a vida, mas também para o culto da beleza, em todas as suas manifestações de arte*”²³.

Foi Manoel de Christo Grangeiro de Mello a figura que mais influenciou Pedro Américo que, nos últimos anos de vida, planejou escrever a biografia do seu avô, plano este que foi obstado por a sua morte em 1905. Todavia, talentos não faltavam na família do genial paraibano!

Thélio Queiroz Farias é natural de Campina Grande-PB. É advogado militante e autor de 15 livros, entre eles 'Além do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e Suas Invisíveis Facetas' (Cepe/A União). E-mail para contato: thelio@leidsonfarias.adv.br..

Referências:

- 1 In Pedro Américo e a Música. VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982.
- 2 Informação de Domingos de Azevedo Ribeiro, in Pedro Américo e a Música. VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982. Esse livro inclusive traz a relação de várias composições musicais do avô paterno de Pedro Américo.
- 3 In Amor D'Esposo, Ed. Imprensa de L'Artee della Stampa, 1886, acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 4 In Amor D'Esposo, Ed. Imprensa de L'Artee della Stampa, 1886, acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 5 In Amor D'Esposo, Ed. Imprensa de L'Artee della Stampa, 1886, acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 6 In Amor D'Esposo, Ed. Imprensa de L'Artee della Stampa, 1886, acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 7 Domingos de Azevedo Ribeiro, in Pedro Américo e a Música. VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982. Esse livro inclusive traz a relação de várias composições musicais do avô paterno de Pedro Américo.
- 8 VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982.
- 9 Sinal Odorico de Moura (1828 – 1885), nascido na cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, foi presidente das províncias do Amazonas, da Paraíba, do Piauí e do Ceará. Governou a Paraíba de 18 de maio de 1844 a 22 de junho de 1865. Ao passar o cargo a Felizardo Toscano de Brito, fez relatório sobre obras e repartições do governo, que ficou famoso pela transparência e pelos detalhes apresentados.
- 10 Citado por Tancredo Torres, in Pedro Américo, edição da Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt-um Rosado, Mossoró-RN, 2001.
- 11 O nome “O Quebra” advém das quedas de carregadores de água na ladeira escorregadia, com a consequente quebra dos potes que conduziam.
- 12 Tancredo Torres, in Pedro Américo, edição da Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt-um Rosado, Mossoró-RN, 2001.
- 13 Francisco Lima, in D. Adauto, Subsídios Biográficos, João Pessoa, Ed. Imprensa Oficial 1956.
- 14 Tancredo Torres, in Pedro Américo, edição da Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt-um Rosado, Mossoró-RN, 2001.
- 15 Ariano Vilar Suassuna (1927 – 2014) nasceu na Cidade da Parahyba, atual João Pessoa, tendo sido um dos mais populares escritores brasileiros dos últimos anos, com obras populares como o “Auto da Compadecida” e o “Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, obras que já foram adaptadas para inúmeras peças teatrais, seriados de televisão e filmes. Idealizador do Movimento Armorial, era também dramaturgo, ensaísta, poeta e professor. Defensor da cultura nordestina, foi Secretário de Cultura do Estado de Pernambuco nos governos de Miguel Arraes e Eduardo Campos.
- 16 O bilhete, de próprio punho do escritor Ariano Suassuna, se encontra exposto na Pousada Villa Real, situado na rua Padre Chacon n. 36, na cidade de Areia. Maiores informações: www.vilarealpousada.com.br
- 17 Domingos de Azevedo Ribeiro, in Pedro Américo e a Música. VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982.
- 18 Só em Campina Grande, conta Epaminondas Câmara, “O cólera-morbus vitimou no município 1.547 pessoas”, ressaltando ainda que “morreu da terrível epidemia quase um décimo da população campinense, sendo idêntica a percentagem em toda a Paraíba” (in Datas Campinenses, Ed. Caravela, Campina Grande, 1988).
- 19 In A Paraíba no Império e na República – Estudos da História Social e Cultural, Alarcon Agra do Ó e outros, ed. Ideia, 2ª edição, João Pessoa, 2005.
- 20 In A Paraíba no Império e na República – Estudos da História Social e Cultural, Alarcon Agra do Ó e outros, ed. Ideia, 2ª edição, João Pessoa, 2005.
- 21 Tancredo Torres, in Pedro Américo, edição da Fundação Guimarães Duque e a Fundação Vingt-um Rosado, Mossoró-RN, 2001.
- 22 Domingos de Azevedo Ribeiro, in Pedro Américo e a Música. VII Festival de Arte de Areia, Edição Governo do Estado da Paraíba, João Pessoa-PB, 1982.
- 23 In Aurélio de Figueiredo – Meu Pai, Ed. Soc. Gráfica Vida Doméstica, Rio de Janeiro, 1985.

A carteira do meu tio

JOSÉ MÁRIO DA SILVA

Especial para o Correio das Artes

Joaquim Manuel de Macedo escreveu o seu nome, de modo definitivo, nos quadros da literatura brasileira, sobretudo, com a publicação de romance *A Moreninha*, clássica referência da ficção romântica brasileira, com tudo quanto ela exibía de sentimentalismo exacerbado, de idealização extremada, de vivências humanas timbradas pelas açucaradas cores da ingenuidade, superlativamente traduzidas por enredos comprometidos, previamente, com o sempre esperado final feliz, garantido pela resolução inevitável de conflitos facilmente superados, bastando, para tal, o voluntarismo da ação empreendida pelos protagonistas de tais tramas. Decididamente, não foi o que de melhor produziu o nosso romantismo, bem como o nosso festejado Joaquim Manuel de Macedo.

Em sua clássica e famosa *História Concisa da Literatura Brasileira*, o crítico literário Alfredo Bosi classifica obras da natureza de *A Moreninha* como sendo pertencentes ao universo dos chamados romances de tensão mínima, nos quais, conforme já acentuado, os conflitos existentes entre as personagens, ao fim e ao cabo, resultam inteiramente desatados, quase que num passe de mágica, para a alegria de todos e felicidade geral da nação.

Contudo, para além do romantismo ostensivo de *A Moreninha*, que foi inclusive transportado para as telas da televisão, Joaquim Manuel de Macedo pontificou como um construtor de outras obras literárias, cujo itinerário trilhou por roteiros distintos; e percorreu searas diferenciadas de transfiguração da realidade, a exemplo do que se constata no romance *A Carteira do Meu Tio*, no qual se prefigura o código da ironia, da crítica explícita às plataformas da desfaçatez, da impostura e inautenticidade caracterizadoras da realidade política brasileira; realidade política essa, desde sempre, marcada pelo divórcio

completo entre teoria e prática; entre discurso e ação; entre a estética formal das retóricas farsescas e a falta de ética no conteúdo daquilo que se vivencia no chão concreto da realidade do dia a dia.

A estória, emergida do senso de observação e da imaginação criadora de Joaquim Manuel de Macedo, é tão simples, quanto reveladora das entranhas políticas do nosso desventurado Brasil. O protagonista, da trama, não tem nome, o que parece ser o indício seguro de que qualquer um poderia encarnar o seu papel de medalhão interesseiro, semelhante àquele tipo humano cartografado por Machado de Assis, no paradigmático conto “Teoria do Medalhão”. Tal medalhão configura-se na arquitetura, mais que bem acabada, de certos impostores que se multiplicam nas cenas e cenários da sociedade brasileira atual, notadamente, os que vicejam no território da política. Impostores esses que são verdadeiras nulidades consagradas, tecidas e destecidas pelos espúrios fios da aparência. Tais figuras são absolutamente falsas, mas altamente competentes para engabelar uma sociedade que adora ser enganada por ídolos de pés de barro, mentiras envelopadas pelo poderoso discurso da publicidade e do marketing.

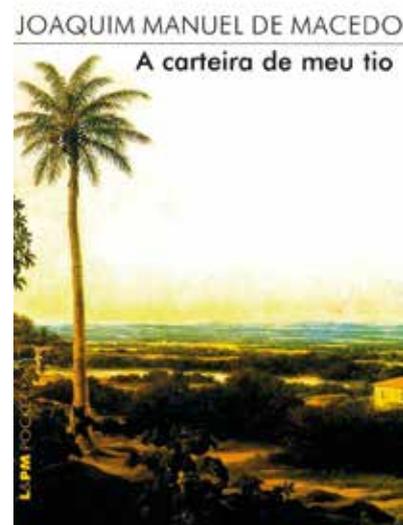
A personagem central do romance, de autoria do criador de *A Luneta Mágica*, é um jovem que, inteiramente sustentado por seu tio, vai à Europa para, supostamente, estudar e adquirir, assim, uma formação sólida, naquela que sempre foi vista como uma geografia cercada por belezas materiais, bem como por indiscutíveis esplendores intelectuais. No entanto, como a narrativa nos revela, logo em suas páginas introdutórias, o que menos o nosso herói fez na Europa foi estudar com seriedade, mas sim experimentar, com a maior volúpia possível, tudo o que o dinheiro do seu tio poderia lhe proporcionar: uma vida de festas, glamour, namoros, teatros, restaurantes caros, enfim, uma

vida sem nenhum compromisso com o quer que seja que tivesse na seriedade o ponto de partida e de chegada das suas cogitações existenciais mais efetivas. Em seu retorno ao Brasil, era pretensão de tal jovem dar sequência a uma vida de divertimentos inconsequentes, até que, com visível demonstração de contrariedade, ele é questionado pelo seu tio, nos seguintes termos: “que é que pretendes ser?” Ao que ele respondeu: “Tenho assentado que devo continuar a ser sempre o sobrinho do meu tio”, uma falsa homenagem que, no fundo, o que revelava mesmo era a melifluidade de um sujeito que a nada mais aspirava senão a viver, eternamente, sustentado pelo seu tio.

Instado, contudo, a ter um ofício qualquer, realidade que lhe causava verdadeiros calafrios, o jovem, depois de breve reflexão, decide ser político, o que é feito de maneira absolutamente frívola, sem o concurso do mais leve vestígio dos apelos de uma vocação minimamente verdadeira, capaz de ser traduzida pelo indispensável consórcio entre espírito público e desejo de servir à coletividade. Antes, na política, ele via um deleitoso trampolim para o atingimento dos seus mais mesquinhos interesses: “A pátria deve pagar bem a quem fizer o enorme sacrifício de viver à custa dela”, eis a moldura exata do código da ironia que preside toda a gramática narrativa urdida por Joaquim Manuel de Macedo.

Orientado, por seu tio, o jovem inicia uma viagem, nos lombos de um envelhecido pangaré, pelas mais diversas geografias do país. A pretensão, aqui, não é captar, por dentro, com minudente detalhamento, as múltiplas características das regiões do país, para, a partir daí, montar uma estratégia de ação política, mas sim verificar a maneira como em cada uma delas a política é concebida e praticada. Para conferir justeza ao seu trabalho de inspeção, o jovem deverá se fazer acompanhar da Constituição Federal, que, na obra em apreço, é tratada como uma defunta, visto que entre ela e a realidade concreta do dia a dia, o que há um ostensivo e gritante divórcio. Entre os ditames da impecável retórica da Constituição Federal e a vida como ela é, o que há é a mais indisfarçável incommunicabilidade. Eis-nos, pois, nas margens de uma mera ilusão gráfica, que faz com que o ordenamento jurídico máximo do país não passe de um amontoado de palavras. Aqui, a Constituição Federal é frequentemente, pisoteada, por

IMAGEM: REPRODUÇÃO



Capa de uma edição recente de 'A Carteira de Meu Tio'

aqueles que têm o dever ético e moral de interpretá-la corretamente; e, mais que isso, zelar por sua efetiva aplicação e cumprimento.

Impregnado de diálogos, por todos os lados, em sua composição formal; e, de igual maneira, timbrado por uma inescandível dicção ensaística, *A Carteira do Meu Tio* revela-nos outra faceta do escritor Joaquim Manuel de Macedo, qual seja a de um homem sobremaneira atento aos vãos e desvãos da atividade política em nosso país. É oportuno lembrar que, além de jornalista, médico, poeta, teatrólogo e romancista, Joaquim Manuel de Macedo atuou, com incomum brilho, na seara política, tendo sido integrante do Partido Liberal. Ele foi deputado provincial nos anos de 1859, 1853, 1854 – 1859; foi, também, deputado geral em 1864 – 1868 e 1873 – 1881.

Assim, o olhar lançado por Joaquim Manuel de Macedo, sobre a política brasileira do seu tempo, foi fruto não somente de um observador atento, mas, também, de um participante efetivo nos bastidores da vida pública do seu país. O nosso atilado escritor tinha, portanto, diria Luiz Vaz de Camões: “um saber de experiências feito”.

A Carteira do Meu Tio é um livro incrivelmente atual, o que se constitui numa prova incontestável de que, no Brasil, a política continua sendo uma atividade cercada de vícios, por todos os lados. *A Carteira do Meu Tio*, eis um retrato, sem retoques, do descabro político nacional.

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).



Milton Marques Júnior
marquesjr45@hotmail.com

Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos (Parte III)

“Les langues n’ont pas seulement pour objet d’exprimer par des signes des idées et des images: ce sont, de plus, de véritables méthodes analytiques, à l’aide desquelles nous procédons du connu à l’inconnu”

(Lavoisier, citado por Béchamp.)

A poesia de Augusto dos Anjos cumpre com exatidão o famoso preceito de Horácio, em sua *Epistula ad Pisones (Epístola aos Pisões)*, mais conhecida como *De arte poetica (Da arte poética)*. O objetivo dos poetas, para o vate latino, são dois: *prodesse aut delectare*, ser útil ou deleitar, ou dizer, ao mesmo tempo, tanto coisas agradáveis (*iucunda*), quanto dignas (*idonea*) para a vida (versos 333-4):

Aut prodesse volunt
aut delectare poetae

aut simul et iucunda et
idonea dicere vitae.

É de *prodesse* (verbo *prosum*), que vem o sentido de *docere* (verbo *docĕo*) ensinar. A poesia, então, deveria, a um só tempo, ensinar e deleitar, ou fazer uma coisa ou outra, de modo que, misturando o útil ao agradável, possa deleitar e fazer pensar o leitor (*miscuit utile dulcillectorem delectando pariterque monendo*, versos 343-4). Assim, se dá com a poesia do poeta paraibano, que, invertendo o preceito horaciano, em primeiro lugar, nos provoca o encantamento, depois nos impele ao estudo.

Em “As Cismas do Destino”, observa-se a aplicação de um termo, cujo significado é estrutural para o entendimento do poema – *microzima* (Parte II, estrofe 50, versos 197-200):

A hipótese genial do
microzima

Me estrangulava o pensamento guapo,

E eu me encolhia todo como um sapo

Que tem um peso incômodo por cima!

Em toda a obra poética de Augusto dos Anjos, o termo aparece apenas uma vez, mas a frequência de um vocábulo não define, necessariamente, a sua importância. É o caso, por exemplo, de *foraminíferos* (“As Cismas do Destino”, Parte II, estrofe 44, verso 175), *Actissa* (“Os Doentes”, Parte V, estrofe 60, verso 238) ou *Protilo* (“Sonho de um Monista”, estrofe 2, verso 5), todos importantíssimos no

contexto da teoria da evolução da espécie, um dos veios do *Eu*. A importância do vocábulo será definida pela sua significação no contexto em que ela se apresenta, concedendo a significância do poema, mesmo que, aparentemente, o seu sentido possa parecer enigmático, como se dá com os termos citados anteriormente. Por sua vez, a epígrafe, com uma citação de Lavoisier por Béchamp, que abre este trabalho, remete-nos claramente para a necessidade de um léxico crítico para Augusto dos Anjos (BÉCHAMP, Pierre Jacques Antoine. *Les microzymas dans leurs rapports avec l’hétérogénie, l’histogénie, la physiologie et la pathologie: examen de la panspermie atmosphérique continue ou discontinue, morbifère ou non morbifère*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et fils; Londres: Bailière, Tindall and Cox; Madrid C. Bailly-Baillière, 1883, DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA, p. 748):

“As línguas não têm apenas por objeto exprimir, por meio de signos, ideias e imagens: elas são, além disso, verdadeiros métodos analíticos, com a ajuda dos quais nós passamos do conhecido ao desconhecido.”

A citação provém do que Lavoisier escreveu no “Discurso preliminar” do seu *Tratado elementar de Química* (tomo I, 1789), explicando a necessidade de aperfeiçoar a *Nomenclatura da linguagem da Química*, nomenclatura que acabou por se transformar, à sua revelia, em um *Tratado elementar de química* (tradução nossa):

“A palavra deve fazer nascer a ideia; a ideia deve pintar o fato, e como são as palavras que conservam as ideias e que as transmitem, resulta disso que não se pode aperfeiçoar a linguagem sem aperfeiçoar a ciência, nem a ciência sem a linguagem, e ainda que os fatos fossem qualquer coisa de certo, e as ideias

que eles teriam feito nascer fossem qualquer coisa de justo, eles não transmitiriam senão impressões falsas, se não tivéssemos expressões exatas para apresentá-los.”

Lavoisier vai em frente em sua preocupação com o conhecimento afirmando ser

“um princípio bem constante, e cuja generalidade é bem reconhecida nas matemáticas, como em todos os gêneros de conhecimentos, que nós não podemos proceder, para nos instruir, senão partindo do conhecido para o desconhecido, Em nossa primeira infância nossas ideias vêm de nossas necessidades; a sensação de nossas necessidades faz nascer a ideia dos objetos próprios a satisfazê-los, e insensivelmente por uma sequência de sensações, de observações e de análise, forma-se uma geração sucessiva de ideias todas ligadas umas às outras, cujo fio e encadeamento, que constituem o conjunto do que sabemos, um observador atento pode mesmo até um certo ponto reencontrar.”

Dentre os ensinamentos que poderíamos tirar dessas reflexões sobre a linguagem, encontra-se que o raciocínio, vindo da língua como um sistema, aperfeiçoa a linguagem; esta, a ciência que, por sua vez, devolve o aperfeiçoamento à linguagem, sob a forma de termos exatos, até onde eles podem ser, para que todos os seus usuários, da linguagem cotidiana e coloquial às linguagens especializadas, possam se situar e de ter condições de classificar aquilo que pertence a cada área do pensamento.

Para o entendimento do que é o *microzima* e a sua significação no contexto em que é utilizado, o leitor se vê obrigado a ir em busca dos estudos do cientista

francês do século XIX, rival teórico de Louis Pasteur, Pierre Jacques Antoine Béchamp. Como informa a folha de rosto de uma de suas principais obras, *Les microzymas dans leurs rapports avec l'hétérogénie...* (*Os microzimas em suas relações com a heterogenia, a histogenia, a fisiologia e a patologia: exame da panspermia atmosférica contínua ou descontínua, morbífera ou não morbífera*), Béchamp era um antigo professor de química médica e de farmácia, na Faculdade de Medicina de Montpellier, professor de química orgânica e biologia da Faculdade Livre de Medicina de Lille, e membro da Academia de Medicina. Nesse livro de mais de mil páginas, Béchamp reuniu, em 14 conferências e um longo apêndice, sua teoria sobre o *microzima*, de modo a opor-se à teoria bacteriológica de Pasteur. Béchamp divulgava a sua teoria, desde 1857, sendo o livro aqui citado o mais completo sobre ela, embora, antes dessa obra, o cientista tenha dado à luz, em 1878, um volume intitulado *Les microzymas* (*Os microzimas*).

Esclarecendo o seu propósito, ao opor-se a teoria de Lavoisier, Béchamp afirma não desejar apenas escrever um “simples capítulo de um Tratado de patologia”, mas de dedicar-se à pesquisa de um assunto que lhe parecia essencial e muito especial, assunto de uma dificuldade igual à pesquisa “da causa íntima de nossas doenças” (id. *ibid.*, DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA, p. 747):

“Eu consagrara, no entanto, a maior parte da minha carreira, não somente ao estudo dos microzimas e da estrutura íntima de nosso organismo, mas também, ao das matérias que, como os hidratos de carbono e as substâncias albuminoides, são os princípios imediatos plásticos que servem à construção dos elementos anatômicos de nossos tecidos e dos nossos órgãos; princípios imediatos e substâncias cuja pretendida alterabilidade espontânea fornecia a matéria principal da teoria das fermentações e cuja



IMAGEM: TONIO / ARQUIVO A UNIÃO

via de contínua transformação servia a explicar até o nascimento dos tecidos nos protoplasmas” (id. *ibid.*, p. 747-748).

Acompanhando a discussão científica da época, Augusto dos Anjos compõe, em “As Cismas do Destino”, um poema, cujo eu-poético vê, na pré-disposição humana de expor-se a situações de degradação, as razões por que o corpo se torna doente, corroborando, assim, a hipótese de Antoine Béchamp, de que o *microzima*, sendo uma “granulação molecular”, viva, é responsável direta pela formação da vida, não da morte. A morte ocorreria, não por bactérias externas, mas pela mudança dos humores do corpo, afetando o equilíbrio e provocando uma regressão no *microzima* a um estado de bactéria, que poderá, posteriormente, retornar a sua função primordial de *microzima*, que é criar a vida.

Ora, a mudança que o *microzima* sofre, de acordo com Béchamp, é de fundamental importância para a patologia, e o estado que o eu-poético, argutamente, percebe, na alucinação que lhe foi imposta, não é outro senão um estado patológico de doença da alma e do corpo, doença oriunda dos vícios e da degradação viciosa a que o ser humano se entrega:

“Observem, inicialmente, que o *microzima*, que a partir do óvulo e no ovo, é o elemento organizado, vivo, construtor dos tecidos do novo organismo em via de desenvolvimento; que, no ser desenvolvido, preside à renovação, ao funcionamento e à conservação do organismo em cada uma de suas partes, tornando-se, após a morte, o agente da total destruição desse organismo. É fato constante que os *microzimas* pululam após a morte e que eles se transformam, por evolução, em bactérias. Nós temos aí a demonstração mais geral do fato que eu chamo mudança de função. Com

efeito, no organismo são e vivo, não se constata nunca a evolução bacteriana do *microzima*; eu digo no organismo, quer dizer, na intimidade de seus tecidos. Mas eu já vos disse que, sobre o vivo, no estado patológico, pode-se apreender todas as fases da evolução bacteriana do *microzima*” (id. *ibid.*, DÉCIMA SEGUNDA CONFERÊNCIA, p. 679-680).

Vê-se claramente, em “As Cismas do Destino”, que o eu-poético vive um processo alucinatório – “alta alucinação de minhas cismas” (Parte I, estrofe 23, verso 93) – que afetam a sua visão sobre os fatos, para que ele possa perceber, de modo extremamente expressionista, a situação que envolve o homem e o ambiente que o circunda – há um “ar danado de doença/sobre a cara geral dos edifícios” (Parte I, estrofe 4, versos 15-6), “e o luar” aparece “da cor de um doente de icterícia” (Parte II, estrofe 33, verso 130), por exemplo.

Já os humanos, mergulhados no vício e na degradação, veem-se afetados física e psiquicamente, pelo estado em que se encontram. O mal físico vem decorrente da quebra do equilíbrio, cujo final é a morte – “a atra dissolução que tudo inverte” (Parte II, estrofe 38, verso 150). O modo como o eu-poético é afetado pela situação alucinatória é diferente, pois lhe dá, ao contrário, do que se poderia pensar, uma visão lúcida da condição humana – “com a força visualística do linco (Parte II, estrofe 29, verso 115) – provocada, paradoxalmente, pelo delírio. Há noite no ambiente externo, mas há ainda mais noite, no íntimo do homem, arrastado pelo tropismo viciante e degradador, para gerar, continuamente, na “noite tão funérea” (parte II, estrofe 29, verso 113), “uma progênie idiota de palermas” (Parte II, estrofe 54, verso 216). A morte definida como “ponto final da última cena” e “forma difusa da matéria imbele” (Parte II, estrofe 58, versos 229-30), parece-nos de acordo com o conceito do funcionamento do *microzima*, que pode se tornar bactéria e agir

para a desagregação da matéria corporal.

Vejam-se algumas observações de Béchamp, a esse respeito, em um artigo publicado em 1875 (BÉCHAMP. *Sur les microzymas et les bactéries*: à propos d’une remarque de M. Balard. Extrait du Montpellier médical, typographie Boehm et fils, 1875, tradução nossa):

“Para mim, desde 1865 e antes (em um *Mémoire* de 1857, o fato já é constatado), certas granulações moleculares, que eu nomeei *microzimas*, são organizadas, vivas e dotadas de toda a atividade de fermentos figurados. Ora, desde 1868, nós nos esforçamos, M. Estor e eu, para demonstrar que o único elemento da organização, cuja vida persiste após a morte é o *microzima*, do mesmo modo que, durante a vida, é ele que primeiro aparece quando uma célula ou um tecido deve nascer” (p. 4).

“Igualmente, toda célula animal pode se transformar em *microzimas*, e estes, os meios sendo convenientes, evoluir em bactérias, para retornar a *microzima*. Fala-se de morte de vibriões, de bactérias: na realidade, há simplesmente regressão. Para M. Balard, segundo M. Pasteur, as bactérias não nascem em um meio senão porque o ar levou os germes. Para M. Estor e para mim, elas podem ter uma outra origem” (p. 6).

“É preciso necessariamente que os *microzimas* tenham sofrido uma certa transformação fisiológica, determinada pelo meio, para poder evoluir em bactérias. [...] É preciso que os humores tenham sofrido alguma mudança para que os *microzimas*, modificadas fisiologicamente, transformem-se em bactérias” (p. 8).

Béchamp, ao longo de anos, consolida tais concepções por sua dedicação ao estudo do tema, que se formalizam na obra de 1883, aqui já citada. Vejamos algumas das afirmações que fazem parte da DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA (em tradução nossa):

“IX. Os microzimas são o que, por evolução, se torna bactéria. Os microzimas são germes, no sentido embriológico, mas eles são o estado anterior do vibrião, da amilobactéria, da bactéria, da bacterídias, etc. (p. 745).

XV. Um organismo, um tecido, uma célula, um vibrião podem, por regressão fisiológica, ser reduzidos em microzimas.

XVI. Da total destruição fisiológica de um organismo, restam os microzimas.

XVII. O que são chamados germes do ar, das águas, da terra, não são essencialmente senão microzimas, saídos dos órgãos desaparecidos.

XIX. Os microzimas mudam de função durante o desenvolvimento do organismo: eles são funcionalmente diferentes, nos diferentes centros de atividade, e eles conservam a função adquirida, quando separados de seu centro.

XXII. Os microzimas sendo o que é primitivamente vivo no ser organizado, aquilo em que a vida persiste após a morte, são eles que podem se tornar o ponto de partida da doença. Primitivamente, germes de doença não podem, portanto, existir na atmosfera.

XXIII. Os microzimas, podendo mudar funcionalmente, podem tornar-se mórbidos e transmitir a morbidade adquirida; um microzima mórbido pode tornar-se novamente são” (p. 746-7).

Tais concepções são fruto da sua pesquisa, que leva ao embate com Pasteur, o qual vê a degradação da matéria corporal como um efeito de bactérias externas. Béchamp conduz o seu estudo em outro sentido, discordando completamente das ideias do criador da vacina antirrábica (DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA, p.747):

“M. Pasteur admite, sem provas, que, no estado normal, os líquidos e os tecidos dos animais não encerram nunca germes, nem organismos microscópicos; o que quer dizer que não existem nem microzimas, nem germes de bactérias. [...] É possível que, aos olhos de muitos, ele tenha motivos sérios; que ele tenha descoberto algum princípio novo, para sustentar com tanta persistência, depois de quinze anos, que os microzimas são o fruto de minha imaginação, uma pura quimera.”

A concepção do eu-poético, a partir da aceitação da “hipótese genial do *microzima*”, de que o corpo não adocece, mas que a degradação a que se expõe altera o seu equilíbrio, alterando também a forma e a função do *microzima*, levando à degeneração física e à morte, não se constrói de maneira isolada, senão muito bem articulada com a estrofe 49 de “As Cismas do Destino” (versos 193-6), anterior àquela onde se faz a referência ao *microzima*:

Mas, refletindo, a sós,
sobre o meu caso,

Vi que, igual a um amniota
subterrâneo,

Jazia atravessada no
meu crânio

A intercessão fatídica
do atraso!

O eu-poético vincula a ciência particular da microbiologia e da patologia à ciência da evolução da espécie, ao se referir ao “amniota subterrâneo”, cujo sentido será desenvolvido no verbete adequado, mas de que adianta-

mos algo aqui. O atraso em que o ser humano vive é fatídico pela sua insistência em degradar-se. Pela evolução da espécie, desde que deixamos a água e, dotados de pulmões, passamos a respirar em terra, somos amniotas, mas já nos distanciamos de nossos primos remotos, os sapos, há milhões de anos. Perceba-se, então, a angústia do eu-poético, ao encolher-se, fruto do atraso atavicamente atravessado ao crânio, “todo como um sapo/Que tem um peso incômodo por cima!”.

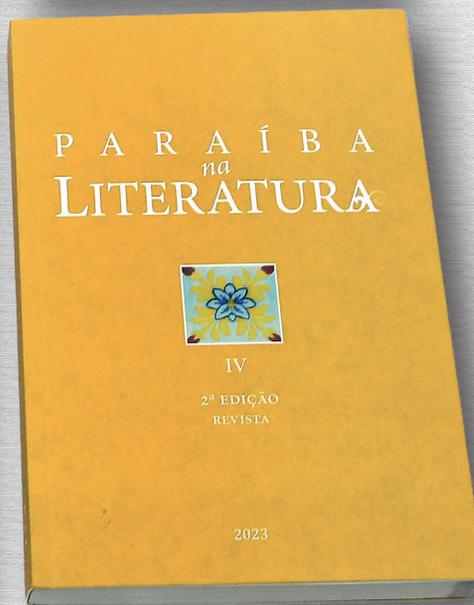
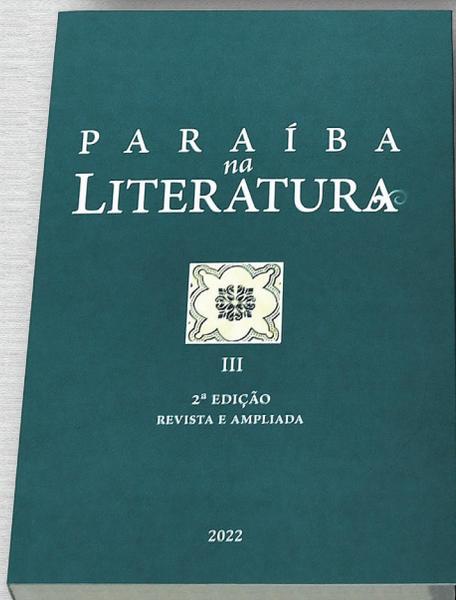
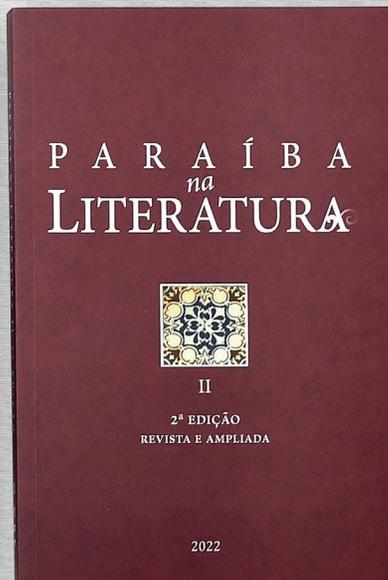
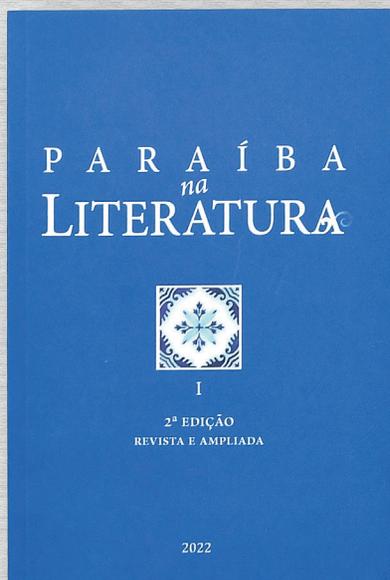
Persistentemente atrasado em sua evolução espiritual, o homem provoca em si mesmo o seu desequilíbrio interior, gerando as doenças que o degradam e o degeneram. Esta é a aliança que une os efeitos do *microzima* desequilibrado e o amniota/sapo de que não conseguimos nos livrar.

Vê-se, portanto, que sem a busca da compreensão da ciência biológica da época, sobretudo da sua aliança com a teoria da evolução, torna-se difícil aprofundar o entendimento da poética de Augusto dos Anjos e constatar o processo de transformação da linguagem científica em poesia.

P A R A Í B A *na* L I T E R A T U R A

marketing EPC

Adquira nosso panorama da escrita paraibana



À venda, em conjunto
ou separadamente

Contato comercial:

☎ (83) 98855.3199

📷 @editorauniao



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac